O CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XXXVIII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS — SABBADO 14 DE DEZEMBRO DE 1889 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal. Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, acrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 3:853

E' um dos nossos correspondentes em Pariz **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Nós e a Inglaterra.—O Papa e a cidade eterna.—Portugal e a escravatura.—Joaquim Lopes.—Noticiario.—No caminho...—Joaquim Lopes.—Carta de Lisboa.—Carta de Fozcoa.—Secção agricola.—Parte official.—Folhetim: A dama das camelias.—Correio de Lisboa.

AVEIRO

NOS E A INGLATERRA

Ora graça a Deus! que já o nome de Portugal vae sendo conhecido lá fóra como nação independente, e não como dependencia de Hespanha ou como colonia de Inglaterra! A nossa chancellaria, a proposito das questões africanas, acaba de expedir uma nota, que toda a imprensa europêa registou com louvor para nós, excepto uma parte da ingleza, que não vê com bons olhos as nossas prosperidades na Africa. Queria para a nossa *fiel* alliada as honras e os proveitos das nossas conquistas. E porque a contrariam, até o proprio *Times* não hesitou em açular contra nós a matilha de lord Salisbury, como quem diz o papão para nos repulsar dos nossos velhos dominios!

Estas tendencias da Inglaterra são de ha muito conhecidas. Não visou ella nunca a outro alvo. Não teve outro objectivo. O seu sonho dourado era a Africa, porque da India já pouco espera. Aquillo sim, é que lhe saciava a cubiça. Já em tempo se apoderou da região dos booers, abusando da fé, dos tratados. Teve em fim de ceder, porque as cousas saiam-lhe caras, e ameaçavam territorios, que até agora não lhe teem sido disputados. Tambem nos quiz empalmar Lourenço Marques, como tinha surripiado Bolama. São sempre os inglezes os verdadeiros ratos d'agua, que só á força largam a preza, para tornarem a agarral-a logo que para isso haja oportunidade.

Mas o documento da chancellaria portugueza attestando os direitos de Portugal á parte da Africa aonde acabamos de firmar a nossa auctoridade, faz honra ao nosso governo, e motivou a adhesão áquelle acto de todas as reformas politicas. Ficou registrado como prova historica de inestimavel valor, e deu ensejo a que a politica portugueza se acentuasse de um modo patriotico, fazendo a apologia dos nossos homens publicos. E' que ante os interesses mais caros da patria não ha, nem podem haver divergencias partidarias. Somos todos filhos da mesma terra, e não são os antagonismos que se originam em rivalidades de uma politica mesquinha, que podem empanar o prestigio aos que conservam bem lidimas as crenças e bem fundadas as esperanças quanto á revindicação dos nossos explendores.

Quem conhece os sacrificios que Portugal tem feito para conservar as suas colonias, não pode desesperar do futuro, vendo de mais o impulso que ultimamente lhes tem dado a navegação e o commercio que ellas alimentam com a metropole, enviando-lhe os productos por assim dizer expontaneos, com que vem fertilisar os mercados europeus.

E além d'isto ha mais os importantes melhoramentos que se estão fazendo nas regiões affastadas do littoral, aproximando-as e ligando-as por meio de caminhos de ferro com os postos mais frequentados da costa africana. Falla-se já na criação de emprezas para a construcção de portos d'abrigo, de pontes que facilitem o trasbordo das mercadorias, finalmente em muitos planos, que devem facilitar as transacções commerciaes, o que prova a importancia d'aquellas provincias, para onde a Europa começa a olhar com attenção, e que nós descobrimos e temos conservado até agora sem compensação dos sacrificios que nos teem custado, como póde ver-se dos orçamentos d'estes ultimos cincoenta annos.

A Belgica com o seu imperio do Congo arrebatou-nos algumas zonas, de que ainda assim tinhamos descurado, dando-nos como paga o reconhecimento da Europa em pontos, em que tinhamos apenas um dominio nominal. Agora porque exercemos um acto possessorio em terrenos que eram muito nossos, veio a Inglaterra intrometter-se, julgando-se prejudicada, ella que direitos alguns pode invocar para se prevalecer das suas uzurpações! E' o cumulo da rapinagem em acção!

Parabens ao governo, porque desaffrontou o paiz das especulações sordidas de John Bull. Parabens á nação portugueza, por ver assim defendidos os seus direitos de prioridade, a que a Europa culta acaba de prestar a consagração do seu respeito e sympathia.

O PAPA E A CIDADE ETERNA

Transcrevemos do *Jornal das Colonias*, de que é mui digno proprietario e redactor principal o ex.^{mo} sr. André Meirelles de Tavora do Couto e Castro, o artigo cuja epigraphe acima notamos:

«O telegrapho annunciou a noticia do projecto, discutido em pleno consistorio, da partida de Leão XIII de Roma no caso de guerra europea que se suppõe inevitavel. Esta noticia percorrendo a Europa e o mundo catholico de um ponto ao outro, ainda quente dos labios que a transmittiram, lançou o alarme nas consciencias, porque no caso de se realisar, imagina-se que o catholicismo ferido na cabeça do Summo Pontificie o seria na sua propria existencia. Conjectura-se que o Papa separado da cidade eterna, da capital do catholicismo, d'onde por assim dizer fugira como Luiz XVI não voltaria ali mais, e se não ouza comparar o destino ao do infeliz monarcha cuja cabeça pelo mais nefando dos crimes rolou sobre o cadafalso, receia-se para elle um destino talvez peior que a morte, a inutilidade de semilhante resolução.

Vamos tentar profundar esta delicada questão. Mas antes d'isso devemos dizer que não acreditamos que o Santo Padre tenha mesmo pensado em se ir embora de Roma, e procurado um logar na Europa onde repousar a sua cabeça. Não! não acreditamos que o chefe do catholicismo, o successor de S. Pedro, d'aquelle que disse que contra os destinos da Egreja não prevalecerão as portas do inferno, se parta de Roma, quasi como um fugitivo, como um desterrado! O seu direito, e como catholico que somos não o negamos, antes o affirmamos com todas as forças da nossa alma, e das nossas convicções, é de dizer aos que o quizerem forçar a sahir de Roma ou aconselhar essa medida, que o seu logar não pode ser senão junto dos tumulos dos Pontifices seus antecessores, junto d'essa Basilica de S. Pedro que attrahe todos os annos no seu recinto de todos os pontos do globo milhões de catholicos. O seu direito é tambem o direito d'aquelles de que elle é pae espiritual; é o direito de todas as nações catholicas. Que se vá embora, que seja forçado a retirar-se de Roma por aquelle ou outro qualquer motivo, para um paiz estrangeiro, deslocando a sede do catholicismo, affigura-se-nos que o seu logar seria considerado vago.

Será isto o que desejamos os que lhe aconselhamos de coração leve esta resolução? Mas repellindo essa noticia vamos dizer o motivo porque a reputamos inverozimil. Em primeiro logar não nos parece que o Papa possa levar a tiarafona de Roma. Foi eleito como os Pontifices seus antecessores para residir em Roma, a cidade eterna, capital do mundo catholico.

Acceitou o Pontifice n'estas condições:—Se sahe de Roma, arrisca-se a ser substituido. Nunca se viu um Papa substituido por este motivo, mas pode dar-se essa eventualidade. O Papa pode sahir de Roma em villegiatura, o que não pode, segundo a nossa humilde opinião, de jurisconsulto e de catholico, é mudar a sede do catholicismo para outra parte. Não nos parece que elle tenha o direito de dizer, como o poeta francez:

«Rome n'est plus dem Rome
«Elle est tonte ou je suis.

Agora digamos tambem o nosso pensamento sobre a situação do Santo Padre. Affirma-se que a commemoração de Giordano Bruno, a dous passos do Vaticano, e á qual os livres pensadores quizeram dar o caracter d'uma manifestação contra o papado, foi seguida d'um protesto do Papa, considerando esta commemoração como uma injuria, e que este acontecimento engendrou pela primeira vez a ideia da partida do Pontifice de Roma para o estrangeiro. O Papa não contente com o poder espiritual, que lhe foi transmittido por direito divino, e aspirando ao poder temporal, isto é, a realeza, sahindo de Roma na eventualidade da guerra que ameaça perturbar a paz do mundo, diria ás potencias antes ou depois de terminada a guerra:—«restitua-me o sceptro real de que a dynastia de Saboya se apoderou, depois da guerra sanguinolenta da França com a Allemanha, e só assim eu poderei entrar outra vez na cidade eterna.» Tudo isto é muito facil de dizer e de pensar.

Em primeiro logar, o Papa escolhendo a Hespanha para azylo, por isso que a Hespanha é considerada potencia neutra, tem a certeza de que a Hespanha de quem se diz que está actualmente fortificando os Pyreneus, guardará a sua neutralidade? No caso affirmativo, e quando toda a Europa ardesse em fogo, aonde procuraria elle um azylo? Poderia ir talvez para Jerusalem. Seria um espectaculo unico na historia, ver um pontifice romano protegido pelo sultão da Turquia, em terra mahometana.

Agora, se levantando o véo do futuro, nos pomos a examinar as consequencias da guerra, que probabilidades teria o Papa de regressar a Roma em todos esses direitos de soberano temporal, se a Allemanha apoiada por duas nações poderosas, a Austria e a Italia, e quem sabe mesmo se a Inglaterra e a Turquia, alcançassem a victoria sobre a França? A resposta a esta pergunta facilmente se deprehende, e não é mesmo preciso enuncial-a. Mas admittamos por outro lado a hypothese contraria, e que no xadrez das batalhas é a França apoiada, supponhamos pela Russia, quem triumpha na lucta? Pode por ventura esperar-se com segurança que a Republica Franceza se permittirá o restabelecimento do poder temporal do Papa, e que para o defender contra os seus proprios vassallos occupará outra vez Roma com o seu exercito? Abordemos porém o assumpto que nos occupa, debaixo d'outro ponto de vista.

Não se póde por ventura affirmar, que o *non possumus* de Pio IX e o de Leão XIII ás propostas da Italia, e á lei das garantias, em vez da acceitação, é a causa primordial d'esta situação quasi sem sahida, como a considera um dos primeiros jornaes da Europa *Revue des Deux Mondes*.

Não se póde por ventura conjecturar que se o Papa actual, em vez de pronunciar aquellas palavras, que como catholico temos o dever de acatar, tivesse pronunciado outras em sentido contrario, que a paz estaria já feita entre a Italia e o papado? Não teria havido Giordanos Brunos, nem outras commemorações semilhantes. Haveria um papado, superior a todos os poderes, e que seria talvez o arbitro da paz e da guerra entre os povos. Não se teria cavado o abysmo, que parece separar hoje o Papa da dynastia de Saboya. Não somos tambem dos que se enthusiasmam com as manifestações hostís ao papado, não só na Italia mas em qualquer parte do mundo. Pelo contrario, somos dos que condemnam essas manifestações, que tendem a desconsiderar e a annullar um poder que deve ser acatado e defendido contra todas as agressões.

Se o governo que preside aos negocios da Italia se não apressar a serenar os animos, e a cohibir mesmo essas manifestações ruidosas, pondo mesmo de parte a retirada do Papa de Roma, o mal ha-de agravar-se e poderá determinar para a Italia uma crise não só intima, mas externa, cujas consequencias podem ser fataes para a dynastia de Saboya.

Com a desordem e com a anarchia não lucram nunca os poderes constituidos. E' esta a nossa humilde opinião, e pensamos que é tambem a d'este jornal sobre este grande assumpto: a eventualidade da sahida do Papa de Roma, e da qual se occupa actualmente toda a imprensa da Europa.

Mas tambem nós somos da opinião dos que em vez de apagar o fogo o atiçam cada vez mais, dos que proclamam por toda a parte, como incentivo a paixões, que o Papa está prisioneiro no Vaticano. Não tem fundamento esse boato. Nunca, a não ser na edade media, o chefe da egreja catholica teve o prestigio e a auctoridade que tem o actual Pontifice.

E escolhido como arbitro pela primeira potencia continental da Europa foi Leão XIII que decidiu a questão, que podia degenerar n'uma guerra sanguinolenta entre a Allemanha e a Hespanha. E quem sabe mesmo será escolhido como arbitro sobre o conflicto entre a França e a Italia? A sua acção, como poder espiritual, estende-se a todo o universo. E' a elle que todos recorrem, e não ha ainda muitos mezes que a christandade catholica de Bombaim se dirigiu a elle em termos respeitosos confiada na sua justiça e magnanimidade. O Papa recebe em Roma não só os milhares de catholicos que alli veem render-lhe as suas homenagens, mas até os soberanos mais poderosos da Europa se vão prostrar aos seus pés. Em que tempo, a não ser na edade media, se viu um espectaculo semilhante? Se a imprensa Italiana o agride, e é este um mal que deploramos, devemos lembrar-nos que o seculo XIX inaugurou a liberdade de imprensa, e que hoje nenhum poder humano é capaz de a revogar.

E' forçoso viver com ella, e perdoar-lhe os desvios, considerando o pensamento como uma cousa sagrada. E' esta por ventura a missão mais elevada do Pontificado.

Foi Jesus, o divino fundador da religião Christã, quem preferiu, a respeito dos seus verdugos e calumniadores, estas generosas palavras;—«Pae; perdoae-lhes, porque eles não sabem o que fazem.»

A corôa do martyrio é o brazão mais glorioso dos santos, e por sem duvida que deve ser considerado como santo o successor dos Apostolos. Ora o Papa Leão XIII é justamente venerado pela sua santidade e pelas suas virtudes. Agora precisamos dar uma explicação aos leitores d'este jornal.

Viemos lançar estas palavras a todos os ventos, porque temos o direito de manifestar livremente o nosso pensamento sobre este grave assumpto, apesar de entendermos que elle merecia ser tratado por intelligencia superior á nossa. Fizemol-o movido por uma forte e poderosa convicção, e digamol-o francamente, por um impulso do nosso coração. Que nos julguem por estas palavras Nós não somos livre pensador, na acepção em que hoje se toma esta palavra, somos um christão, um catholico, que deseja que o papado occupe o logar que lhe pertence no mundo, e por isso entendemos que o Papa deve ficar só em Roma, não só como soberano espiritual, mas como soberano temporal. A dynastia de Saboya, obedecendo ás manifestações de mais de duzentos milhões de catholicos, e á força das circumstancias, escolheria para capital do reino, outra cidade. Por esta forma evitavam-se os inconvenientes que hoje se não podem contestar da existencia dos dous soberanos na mesma cidade de Roma, e sómente Roma, será restituida ao Papa, com a dotação decretada na lei das garantias, se essa dotação fosse julgada sufficiente. Parece-nos ser esta a unica solução possivel nas actuaes circumstancias.

Caranzalem 7—9—89.

Dr. A. M. de Tavora.

PORTUGAL E A ESCRAVATURA

Com prazer transcrevemos do nosso collega *Economista* o seguinte artigo:

A *Gazette Espagnole* publica o seguinte:

«O governo portuguez publicou, por occasião do congresso de Bruxellas, uma nota, na qual elle expõe os seus intuitos ácerca das providencias que devem tomar-se para fazer cessar em Africa o trafico da escravatura. Este documento vale muito mais de que o documento analogo apresentado pela diplomacia belga. Vê-se que os portuguezes teem o genio maritimo, e que contam na sua historia quatro seculos de tradições coloniaes, ao passo que os belgas são marinheiros d'agua dôce, que nunca atravessaram os grandes mares, e que não colonisaram nunca senão a Campine.

Mas o que os portuguezes não pódem negar é que compram ao rei de Dahomé, prisioneiros a dois ducados a duzia, obrigando-os depois a trabalhar. A escravidão de facto ha de sempre justificar se com uma especie de philantropia, visto como é indubitavel que estes prisioneiros transformados em trabalhadores á força, são arrancados á morte que os aguardava. Não devemos esquecer-nos que a escravidão foi introduzida na America por um santo varão, cheio das melhores intenções, fr. Bartholomeu de las Casas, que se propunha subtrahir os negros á morte, e os indios á exploração dos colonos hespanhoes, substituindo o trabalho dos primeiros ao dos segundos.»

Se não podemos deixar de agradecer a parte do artigo em que se nos faz justiça, não devemos deixar passar sem observação aquelle em que se falla do nosso procedimento com menos exactidão.

Nós não comprâmos os negros de Dahomé para os obrigarmos a trabalhar. E' certo que os resgatâmos, nem de outro modo poderiamos facilmente tel-os como trabalhadores nas fazendas de S. Thomé; mas depois de os resgatarmos contractâmol-os com todas as formalidades legaes, fazendo-lhes conhecer perfeitamente as condições dos contratos por meio de interpretes, e tratando-os desde esse momento como homens livres. N'este ponto o nosso escrupulo e os cuidados das nossas auctoridades teem sido sempre dignos de maior elogio.

Assim podessem dizer o mesmo os belgas, que ainda ultimamente provocaram tão justificadas accusações da imprensa de varios paizes, quando foram ao Dahomé resgatar presos. Longe de procederem com elles como nós fazemos, trouxeram-os acorrentados para bordo, e não consta que com elles se observasse qualquer formalidade de contrato. E comtudo, este acto irregular quasi que foi sanccionado com a presença de um navio de guerra inglez. Ora compare-se o nosso procedimento e o dos belgas, ou melhor, dos agentes do Estado Livre do Congo, e veja-se se somos nós que fazemos escravatura, nós que exactamente procedemos com o maior escrupulo em tudo o que se refere ao contrato de trabalhadores para S. Thomé, quer elles procedam de Dahomé, quer venham de Novo Redondo e de outros pontos do interior da provincia da Angola.

A verdade é a que fica exposta pelo *Economista*, verdade que não póde ser contestada.

JOAQUIM LOPES

Começamos hoje a publicar, na 2.ª pagina d'este jornal, a biographia de um homem eminentemente illustre, d'estes que fizeram da abnegação um culto e que têem para toda a humanidade todas as mais sinceras affeições da sua grande alma. Joaquim Lopes, o velho glorioso que o paiz admira e respeita, não é para todos nós, os que conhecemos as suas virtudes, o simples patrão de um salva-vidas. E' o semi-deus de Paço d'Arcos, o vulto sympathico e insinuante, que a gente se habitua a estremecer, quando nas longas noites de vigilia ouve contar aos infelizes as epopeias do Tejo.

Passámos com elle e com seus filhos algumas das horas mais felizes da nossa existencia. E no ligeiro convivio com aquella familia de heroes, que mais nos parecem os delegados, na terra, da Providencia de Deus, tivemos occasião de apreciar de perto aquelle harmoniosissimo conjuncto de predicados excepcionaes, que nascem expontaneos do coração d'aquelle homem extraordinario, que se transmittiram como sagrada herança a seus filhos, e que, por uma irradiação sobrenatural appareceram em toda a plenitude do primeiro grau, na alma delicada e gentil das netas de Joaquim Lopes.

Pae, filhos e netos, têem todos na conta corrente da humanidade um credito de quinhentas vidas. E é de um homem d'esta natureza, do maior benemerito da humanidade, que começamos a publicar a biographia, em homenagem ás suas virtudes e á sincera e cordeal amizade que nos liga ao patrão Joaquim Lopes e a seus filhos.

F. V.

NOTICIARIO

Notas de carteira.—Faz hoje annos a ex.^{ma} sr.^{a} D. Maria d'Arrabida de Vilhena d'Almeida Maia, virtuosissima e desvelada esposa do nosso venerando e presado chefe, sr. Manuel Firmino d'Almeida Maia. Mãe estremecida e carinhosa de dois nossos collegas n'esta redacção, senhora das mais santas virtudes e dos mais elevados sentimentos, a ex.^{ma} sr.^{a} D. Arrabida de Vilhena faz-se venerar de quantos a conhecem, e é com o mais férvido prazer que, em nome d'esta redacção, lhe enviamos os mais sinceros parabens, fazendo os mais ardentes votos porque por largos e felizes annos possamos ter o prazer de escrever o mesmo.

Brilhante espectaculo.—Um formoso grupo de senhoras, alumnas distinctas e laureadas do conservatorio imperial de Vienna d'Austria, vem dar ao nosso theatro um magnifico sarau, na segunda-feira proxima, com o programma seguinte:

1.ª PARTE

1.° Marche Persane, *Strauss*; 2.° Si J'Étais Roi (ouverture), *Adam*; 3.° Le Beau Danube Bleu (walse), *Strauss*; 4.° Retraite Croate, *Corbin*; 5.° Guillaume Tell (fantaisie), *Poppelsdorff*; 6.° Dolorés (walse), *Richter*.

2.ª PARTE

7.° Poéte et Paysan (ouverture), *Suppé*; 8.° La Muette de Portici (fantaisie), *Auber*; 9.° La Belle Hongroise (polka), *Richter*; 10.° Faust (fantaisie), *Poppelsdorff*; 11.° Orphée aux Enfers (fantaisie), *idem*; 12.° Marche Hongroise, *idem*.

Sob a direcção do habilissimo maestro Poppelsdorff, que sabemos ser um compositor de nomeada e um professor de grande merecimento, temos a certeza de que as brilhantes concertistas terão uma casa cheia, como é de esperar. Em Lisboa, no theatro de D. Maria, fizeram a admiração de quantos as ouviram, conquistando em todos os theatros estrangeiros os maiores e os mais merecidos applausos. Aveiro não deixará de querer ouvil-as, porque ama a muzica e aprecia o que é bom, e portanto agouramos ao grupo uma bella enchente.

Theatro Aveirense.—Annuncia-se para ámanhã um espectaculo brilhante, em que tomarão parte os considerados e conhecidos artistas Dias, Pepa e Belmira, com a representação do aproposito *Tin-tin Junior*, a opereta-parodia em 1 acto *Os Sinos de Corneville*, a comedia em 1 acto *O Ensaio d'uma actriz*, a cançoneta *Caluda José* e a *Lili*, outra formosa composição do mesmo genero.

Fazer réclame á bella noite que nos espera, certamente se torna indispensavel. Basta dizer-se, pois, que nem o nosso conhecido Dias, por tantos titulos dignos da consideração que Aveiro lhe dispensa. Pepa é talvez a 1.ª vez que aqui vem. Tem, todavia, as mais notaveis recommendações nos elogios de que vem precedida, e estamos certos de que a nossa plateia applaudirá, sem pavor mas com fervor. Na secção competente vae o respectivo annuncio. Os bilhetes estão á venda no estabelecimento do sr. Abreu e Mello, á rua de José Estevam.

Fallecimento.—Falleceu em Castello Branco um cavalheiro respeitavel, que no reinado do sr. D. Miguel de Bragança foi seu ministro em Modena. O fallecido, sr. Augusto Antonio da Matta e Silva, conservou-se sempre fiel aos seus principios, e consta que ainda ha pouco offereceu á viuva do principe que serviu, uma somma importante, producto de uma propriedade que vendeu.

O sr. Matta e Silva era thio da digna esposa do nosso muito estimado amigo o sr. Antonio Baptista Lobo, capitão do 10 de cavallaria.

Acto bom.—O sr. arcediago da Sé de Coimbra, José Simões Dias, offereceu-se, não acceitando esmola, para dizer a missa aos domingos e dias sanctificados na capella do azylo de infancia desvalida, em quanto estiver sem capellão. Este mesmo bemfeitor mandou construir para o azylo a bomba aspirante e compressora, deposito e canalisação que leva a agua a differentes pontos do estabelecimento, no que dispendeu cerca de 200$000 reis.

Covarde aggressão.—Ha dias em Ilhavo foi traiçoeira e covardemente aggredido o maritimo Troia por tres malvados, que lhe descarregáram uma tremenda paulada na cabeça, lhe deram uma facada no peito e lhe fracturaram uma costella, deixando-o ás portas da morte.

Pedimos o rigor da justiça para um tal crime, pois que já está affecto ao juizo d'esta comarca.

Cavallaria 10.—Este regimento sahiu hontem de manhã para exercicio d'esquadrão, na Gandara da Oliveirinha, sob o commando do sr. capitão Peres.

Relação.—Damos a relação dos objectos pertencentes ao espolio do extincto convento das freiras da ordem de Cister, em Arouca, escolhidos pela Academia Real de Bellas Artes para o Muzeu Nacional:

Gomiel de estanho em fórma de capacete com a competente bacia.
Infuza grande de cobre.
Cantaro com aza, idem.
Celicio em fórma de corpete e desciplinas.
Fragmento de seda antiga.
Mitra uzada, de fórma triangular do seculo XVI, com pedras falsas (já fóra d'uzo).
Lavabo de louça da fabrica do Rato.
Tigella de faiança de cantão.
Apparelho de louça preta ingleza, com peças de sobrecelente e algumas desenmanchadas.
Torrinas de faiança da fabrica do Rato.
Pratos saladeiros de faiança das Ilhas Baleares.
Pratos de faiança antiga, (typo hespanhol antigo).
Lavabo (sem bacia), da fabrica Rocha Soares.
Pratos de louça da China octogonaes.
Retabulos pintados em madeiras.
Idem do seculo XVI.
Retrato d'uma freira com um brazão d'armas ao fundo.
Quadro do seculo XVI, representando o nascimento de Christo.
Dito representando a Virgem, o menino e varias figuras.
Dito do seculo XVII, representando assumpto sacro.
Maquineta angular com uma figurinha escrevendo a uma meza.
Imagem, de pedra em vulto do seculo XVI.
Cadeiras de pau preto com costas abertas, pés de gallo e assentos de palhinha.
Ditas de couro estampado.
Cadeira de espaldar elevado, obra de talha e fundo estofado de brocado verde de Utrech.
Cadeirão de braços forrado de velludo vermelho e progaria dupla.
Dito idem, com damasco vermelho.
Cadeira abbacial grande com obra de talha.
Dita episcopal com talha dourada e forrada de velludo, do seculo XVIII.
Terrina de faiança da fabrica Rocha Soares.
Chavenas com pires de porcelana de Sacovia, marca X.
Pratos maiores de louça da China.

Mercado de porcos.—Um collega nosso d'Elvas diz com data de 12 o seguinte:

«No mercado somanal de gado suino realisado na ultima segunda-feira não se effectuaram quasi transacções algumas. O mercado, como o antecedente, foi muito pouco concorrido. As poucas vendas que se fizeram regularam a 3:000 réis cada 15 kilos».

E' enorme a differença que ha no preço da carne d'aqui, comparado com os preços dos grandes mercados do Alemtejo. Aqui mesmo os porcos procedentes d'aquella região tem um preço relativamente mais modico, pois que o mais alto preço na feira de hontem foi a 3:300 os 15 kilos, sendo a carne dos porcos d'aqui de cerca de 4$000 réis.

Triste.—Hontem, cerca das 3 horas da manhã, um individuo do Porto, que em tempo foi pintor, entrou em sua casa, na rua de Santa Catharina, e dirigindo-se á gaveta de uma commoda que tinha no quarto tirou d'alli cerca de 1:000$000 réis para levar para o jogo. Sua esposa, acordando, quiz obstar a que elle sahisse com o dinheiro. Houve então uma terrivel scena de familia, chegando o desvairado a ameaçar a consorte com uma navalha. A pobre senhora gritou, mas quando a patrulha accudiu aos seus clamores já o marido se tinha safado com o dinheiro, n'um trem que o esperava á porta. O que faz o vicio do jogo!

Tempestade.—Segundo um jornal sueco, o celebre astrologo, ou meteorologista Nohrelessoom annunciou que uma grande tempestade, procedente do mar glacial arctico e dos limites extremos do oceano atlantico septentrional, chegaria á Europa hontem, 13 do corrente. A tempestade abrangeria a peninsula n'esse dia. Duraria cerca de uma semana, attingindo o seu maximo nos dias 15 a 18. D'esta vez enganou-se o astrologo.

Noticias d'Espinho.—Em 13.—E' horrivel a desgraça que aqui estamos presenciando. Ha já muitas casas destruidas. Os prejuizos já são calculados em 40:000$000 réis. Vae-se nomear uma commissão para ir a Lisboa pedir a sua magestade a rainha viuva, que promova uma subscripção a favor d'esta pobre gente. Mais de 25 casas de pescadores foram já destruidas pelas ondas, que cada vez avançam mais para a terra. Muitas casas de banhistas foram tambem derrubadas pelo mar. A habitação do sr. commendador Sá Couto está toda cercada pelas vagas. A do Mirante já desappareceu de todo no mar. Fóra das aguas está o quintal, que ficava a uns 20 metros de distancia do mar! Da casa dos herdeiros de José Machado, pouco resta. A de Manuel da Justina desappareceu completamente. A povoação vae perdendo dia a dia mais terreno. Ante-hontem a casa do sr. Gomes, da Villa da Feira, uma das melhores da praia, desmoronou-se em parte. O armazem do sr. Pedro Pinto Pinhal já foi completamente destruido pelo mar. A casa dos banhos quentes de Francisco Netto, ainda se conserva de pé, mas tem dado muito trabalho ao proprietario o garantil-a contra o embate das aguas. Está, porém, deshabitada. O mar já chega, da parte sul, á casa do sr. Fernando Pinto Faustino. O posto fiscal está apenas separado pelo muro. Pelas ruas, familias de pescadores andam implorando, em grande grita, misericordia á Providencia! A consternação é geral, e justificada. O governo praticaria um acto de humanidade mandando proceder com urgencia á construcção d'um muro-paredão, que impeça a entrada do mar. Se as aguas galgarem até á altura das ruas novas que partem da praia para a rua Bandeira de Mello, é certo que as aguas inundarão e destruirão tudo, com excepção da estação da linha ferrea, porque a depressão do solo é sensivel, até á parte em que a linha ferrea assenta. Providencias, providencias é o que todos pedem com urgencia.

Noticias dos Açores.—As de Ponta Delgada alcançam até 30 de novembro:

No dia 19 foram alli celebradas solemnes exequias, por alma de el-rei D. Luiz.

— Os academicos promoviam festejos para o dia 1 de dezembro.

— A Associação Bombeiros Voluntarios celebrou, no dia 25, uma sessão solemne em honra do sr. Luiz da Terra Pereira Vianna, bombeiro voluntario no Porto. Depois foi offerecida ao sr. Terra Vianna uma lauta ceia, em que se fizeram muitos brindes.

— Em Agua de Alto grassava uma epidemia de febres.

— Estava em sérios embaraços financeiros a empreza da companhia de zarzuella que funcionava no theatro de Ponta Delgada, devido á diminuta concorrencia aos seus espactaculos.

— Falleceram em Ponta Delgada o sr. Aristides Brandão de Castro, major de caçadores 11; e a sr.ª D. Ricarda de Menezes, irmã dos srs. Bento Joaquim e Augusto Cesar de Menezes.

Despachos administrativos.—Verificaram-se os seguintes:

Auctorisada a Junta Geral do Funchal a tomar as deliberações que tiver por convenientes ácêrca do arrendamento d'um edificio para o governo civil e repartição de fazenda do mencionado districto na sessão ordinaria do dia 2 do proximo mez de janeiro.

Auctorisando a Santa Casa da Misericordia de Veiros, concelho de Monforte, a acceitar a doação que Theodoro Rodrigues e sua mulher pretendem fazer d'uma morada de casas para alargamento do respectivo hospital.

Os pantanos.—Com referencia ao saneamento dos pantanos em geral, e particularmente aos da *Quarteira*, no Algarve, encontarmos no *Algarvio* de 24 de novembro proximo passado, a seguinte carta, firmada pelo sr. Pedro Augusto Ferreira, dignissimo e illustrado abbade de Miragaya:

«*Sr. redactor.*—Felicito a v. pelo seu bello artigo em favor do saneamento da *Quarteira*,d'esse formoso cantão que é o mais fertil do Algarve. Supplantam-no talvez, sómente os nateiros da *Villariça*, no alto Douro, onde um anno dez alqueires de milho de semeadura produziram 1:200, outro anno 14 alqueires produziram 2:400; e o milheiro de vides baixas produz 5 a 7 pipas de vinho de 550 litros, como pode ver-se no *Portugal Antigo e Moderno*, hoje tão indevidamente a nosso cargo.

São de todo o ponto justas as considerações de v., e para desejar seria que tratassem de extinguir aquelle pantano, restaurando as valas de esgoto já feitas, e *cercando-o de eucaliptos*, pois todos sabem que os *eucaliptos* teem a virtude de enxugar os pantanos e de affastar e curar as febres intermittentes.

Para desejar seria até que o nosso governo tomasse a iniciativa no saneamente, não só da *Quarteira*, mas de todas as regiões de Portugal, em que abundam os pantanos, tão nocivos á saude publica, ordenando que os chefes das nossas regiões florestaes cercassem de *eucaliptos* esses pantanos *todos*, nomeadamente os da parte baixa dos districtos de *Leiria* e de *Coimbra*, que são os maiores de Portugal. Cerquem-nos e povoem-nos *litteralmenmente de eucaliptos*, d'esas arvores tão lindas e tão apropriados aos terrenos humidos e quentes;—substituam nos marachões do *Liz* e do *Mondego*, os choupos por *eucaliptos*, e assim crearão uma grande riqueza florestal, extinguindo ao mesmo tempo esses *medonhos viveiros de sezões!*

Cerquem tambem de *eucaliptos* todas as estações da linha ferrea do Douro, desde a Regoa até á Barca d'Alva; tenham dó dos empregados que vivem n'aquella zona ardentissima, onde no verão estalam as pedras com o calor e tremem de sezões *os gatos, as gallinhas e os cães*!

Eucaliptos e mais eucaliptos, porque, além de espancarem as sezões dão *excellente madeira*. Passados annos, podem ser uma grande riqueza florestal e substituir os nossos castanheiros, quasi extinctos. Darão excellentes traves e feixes, mastros para navios e madeira para vasilhame, para mobiliario e para toda a sorte de construcções.

Eucaliptos e mais eucaliptos, porque a arborisação é *riqueza, belleza e saude, e salus populi suprema lex!*

Chamamos para este importante assumpto a attenção dos nossos municipios, do nosso governo e de sua magestade el-rei o sr. D. Carlos, tão amante da agricultura e da *arboricultura*.

Pode sua magestade *sem grande dispendio* assignalar o seu reinado e prestar um grande serviço á riqueza e saude publica, transformando em bosques e mattas de eucaliptos os nossos medonhos pantanos. E a quadra é opportuda para a plantação de arvoredo.

— *Guerra de morte aos pantanos.*
— *Eucaliptos e mais eucaliptos!*

Pedro Augusto Ferreira.

Despachos de correios e telegraphos.—Fizeram-se os seguintes:

Justino Guedes de Mesquita, aposentado extraordinariamente no logar de segundo aspirante chefe da estação telegrapho-postal de Pombal com o pensão annual de 183$335 réis.

José Antonio de Sousa, aposentado no logar de primeiro distribuidor da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, com a pensão annual de 216$000 réis.

José Antonio, aposentado extraordinariamente no logar de primeiro distribuidor da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, com a pensão annual de 172$800 réis.

Joaquim Rodrigues da Silva, aposentado extraordinariamente no logar de primeiro distribuidor da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, com a pensão annual de réis 102$000.

Joaquim Esteves de Pina, aposentado no logar de terceiro distribuidor do correio no concelho de Castello Branco, com a pensão annual de réis 125$280.

João Pereira, aposentado extraordinariamente no logar de guarda fios, chefe do districto de Faro, com a pensão annual de 168$000 réis.

Fixando em sessenta dias a suspensão de exercicio e vencimento imposta por portaria de 13 de setembro ultimo ao ajudante para o serviço das estações urbanas de Lisboa, Julio Bastos Camelier, abonando-lhe todos os vencimentos que deixaram de lhe ser pagos desde o dia em que expirou o praso acima mencionado e em que foi fixada a alludida suspensão.

Fixando em quinze dias a suspensão de exercicio e vencimento imposta por portaria de 13 de setembro ultimo, ao segundo distribuidor de Lisboa, José Bento Marques, abonando-se-lhe todos os vencimentos que deixaram de lhe ser pagos desde o dia em que expirou o praso acima mencionado e em que foi fixada a alludida suspensão.

Antonio José de Andrade, segundo aspirante chefe da estação telegrapho-postal de Silves, suspenso do exercicio e vencimento por noventa dias por falta de respeito e de consideração para com o respectivo director telegrapho-postal.

Alvaro Augusto de Castro Neves, demittido do logar de primeiro aspirante do quadro de correios da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, por se achar incurso no n.º 4 do artigo 90.º da organisação decretada em 29 de julho de 1886.

Pedro Pereira Coutinho, segundo aspirante do quadro de correios da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, promovido, por antiguidade, ao logar de primeiro aspirante do mesmo quadro.

Alexandre do Canto Ramos, aspirante auxiliar do quadro de correios da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, promovido, por antiguidade, ao logar de segundo aspirante do mesmo quadro.

Manuel Caetano Pereira Junior, aspirante auxiliar do quadro de telegraphos da administração dos correios e telegraphos de Lisboa, transferido, por conveniencia do serviço, para o quadro de correios da mesma administração.

Adolpho Vieira Porto, aspirante auxiliar do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa, com exercicio na estação telegrapho-postal de Elvas, transferido, por conveniencia do serviço, para o quadro de telegraphos da administração dos correios e telegraphos de Lisboa.

Benjamim Candido Cardoso, exonerado, pelo requer, do logar de aspirante auxiliar do quadro de telegraphos da administração dos correios e telegrapos do Porto.

Josias Joaquim de Bastos, aspirante supranumerario da direcção telegrapho-postal de Vizeu, provido no logar de aspirante auxiliar do quadro de telegraphos da administração dos correios e telegraphos do Porto.

João Bazilio Costa Rosa, aspirante supranumerario da direcção telegrapho-postal de Beja, provido no logar de aspirante auxiliar do quadro para o serviço de correios e telegraphos fóra de Lisboa e Porto, e collocado na estação de Elvas.

Bernardo Pereira de Freitas, demittido do logar de encarregado da estação de 5.ª classe em Seixal, por ter abandonado o serviço, entregando-se durante dias consecutivos ao vicio da embriaguez.

Manuel Xavier da Costa Neves, exonerado por conveniencia do serviço, do logar de chefe da estação de 4.ª classe na Granja e nomeado encarregado da estação de 5.ª classe no Seixal.

Amadeu Pamar, nomeado chefe da estação de 4.ª classe na Granja.

Bernardino Alves da Costa, demittido do logar de segundo guarda-fios do districto do Porto, por se achar incurso no n.º 4.º do artigo 90.º da organisação decretada em 29 de julho de 1886.

Antonio Augusto Martins, guarda-fios auxiliar do cantão do Lazareto, districto de Lisboa, provido ao logar de segundo guarda-fios.

David Augusto de Lorena Queiroz, demittido do logar de ajudante supranumerario para serviço das estações urbanas de Lisboa, por actos indecorosos e de grave indisciplina por elle commettidos em occasião de serviço.

Publicações.—Recebemos e agradecemos as seguintes:

— *Marrocos e Constantinopla*, de Edmundo d'Amicis, fasciculo n.º 54, da C. N. Editora.

— *Jack, o Estripador*, romance illustrado da actualidade, fasciculo n.º 19, da C. N. Editora.

— *O Rei dos Grilhetas*, grande romance illustrado pelo processo *Gillot*, fasciculos n.os 30 e 31, da C. N. Editora.

— *Os Exilados da Terra*, formosa obra de André Laurié, fasciculo n.º 19, da C. N. Editora.

— *Linda de Chamounix*, formosa publicação, illustrada, fasciculos n.os 2 e 3, da C. N. Editora.

— *Orlando Furioso*, obra magestosa de Ariosto, com soberbas illustrações de Gustavo Doré, fasciculos n.º 3 e 4 da C. N. Editora.

— *Portugal Antigo e Moderno*, Diccionario geographico, estatistico, etc., fasciculos n.os 236 e 239, da Livraria Editora de Tavares Cardoso e Irmão.

— *A Illustração*. O numero ultimamente distribuido vem devéras appetitoso, interessantissimo. Tanto a parte litteraria como a artistica, que consiste em explendidas gravuras representando assumptos de actualidade, rivalisa com a dos mais importantes jornaes congeneros que se publicam no estrangeiro. Demais, o seu preço torna-o mais recommendavel, pois está ao alcance de todos: *A Illustração* contém 16 paginas nitidamente impressas em optimo papel, e custa avulso 100 réis cada numero.

Assigna-se e vende-se no escriptorio da administração da Companhia Nacional Editora, successora de David Corazzi e Justino Guedes, rua da Atalaya, 42.

— *Theoria dos Mudos*, carta aos eleitores do circulo 76, pelo antigo deputado dr. Joaquim José Maria d'Oliveira Vale, é um livro de 55 paginas, que vamos ler.

— *A Vinha Portugueza*, revista mensal, dirigida por F. d'Almeida e Brito, n.º 11, do 4.º anno.

— *Revista Academica*, n.º 1.º do 1.º anno. E' uma publicação elegante, que contem variados e alguns formosos escriptos. Assigna-se no Porto, rua do Pinheiro, n.º 26.

— *Representação dos Despachantes* do circulo do Sul; é um folheto para que nos pedem que chamemos a attenção dos leitores.

— *Vozes da Verdade*, por um patriota do Brazil.

— *Debaixo das Tilias*, 2.º volume, por Alphonse Xarr, n.º 46 da *Bibliotheca Universal, Antiga e Moderna*, da C. N. Editora.

— *Comedia Portugueza*. Está publicado o n.º 59 d'este semanario com illustrações de Julião Machado e prosa de Marcelino Mesquita e Silva Lisboa.

Summario. Desenhos: O obelisco da Avenida—Fórmas de governo—Annuncios curiosos.

Texto: A restauração—Magalhães Lima e iberismo—Carta iberica a uma namorada — A estreia de Fernando Maia — A Doutoura — Bibliographib. Sueltos e illustrações do texto.

Pedidos ao gerente Victor da Silva Lisboa, rua Ivens, 41, 1. Lisboa.

— *Os Esplendores da Fé*. Mais um fasciculo da magnifica obra do reverendo Moigno, traduzida pelo reverendo Francisco Manuel Vaz, antigo missionario d'Africa oriental. E' o fasciculo n.º 15, que acabamos de receber e em que se continua a exposição da doutrina do *Genesis*, esse livro inspirado escripto por Moysés ha tantos seculos, e que a sciencia nunca pôde nem poderá jámais contradizer victoriosamente. Como tantas vezes temos dito, consideramos a publicação d'esta obra em portuguez como um valioso serviço prestado pelo seu editor, o sr. Antonio Dourado, ao nosso publico estudioso. Quem quizer assignar os *Esplendores da Fé*, dirija-se ao sr. Antonio Dourado, rua dos Martyres da Liberdade, 137—Porto.

— *A Comedia Portugueza*, chronica semanal de costumes, casos, polica, artes e letras, com bellas illustrações de Julião Machado, n.º 58 do 2.º anno.

Em Paris.—Os boulangistas do 5.º circulo offereceram um *punch* ao seu deputado, o sr. Laguerre. Mediocremente concorrido: proximamente 300 pessoas e uma banda de musisica. Depois de breves palavras do sr. Hérissé, que presidia, Laguerre examinou n'um longo discurso a situação politica actual da França. Notou elle «que a situação e a camara eram agora sensivelmente as mesmas que 3 mezes antes. N'essa occasião elle, Laguerre, tinha formulado a esperança de que os deputados d'esse tempo seriam francamente batidos pelos progressos da causa revisionista. Enganara-se. A camara actual só differe da anterior em ser menos intelligente e menos disciplinada.» Em seguida rebateu com energia a validação da eleição de Joffrin. Terminando, Laguerre disse «que ficava que o boulangismo, havia de assignalar nos quatro primeiros mezes do anno que entra, duas datas importantes: a primeira, o domingo de janeiro em que a camara havia de castigar os *invalidadores*; a segunda, o domingo de maio em que os revisionistas haviam de certamente eleger 41 conselheiros municipaes, os quaes valeriam bem os 45 deputados enviados ao palacio Bourbon.» Digna de melhor causa, esta ingenua perseverança.

Telegrapham de Londres ao *Matin*, que o general Boulanger fechou um contracto para ir fazer na America uma serie de conferencias sobre e boulangismo; approximadamente trinta, a razão de cento e vinte libras cada uma. E' o mais pratico dos *reclames* que este mirabolante. Napoleão de *bouliene* tem sabido arranjar.

Descobrimento d'uma fabrica de moeda falsa—Prisão dos criminosos.— Já em tempo aqui referimos que circulava em Paris grande numero de moedas falsas, principalmente de prata.

Pois a policia, graças a um feliz acaso, acaba de descobrir a casa onde os moedeiros tinham installada a sua fabrica. N'um d'estes dias entrou n'uma capellista da rua Joquelet uma mulher que comprou uma ninharia, cuja importancia não excedeu a 45 centimos, dando uma moeda de 5 francos para o pagamento. A mulher sahiu e só depois d'isto a capellista notou que a moeda era muito leve apesar de ter um som perfeitamente argentino. Desconfiando da mulher correu á porta e viu que ella acabava de sahir d'uma pastellaria, indo em seguida juntar-se com dois individuos que a esperavam na rua. A capellista preveniu d'isto um policia que conduziu immediatamente ao commissariado a mulher dos 5 francos.

Esta protestou a sua innocencia na presença do commissario, affiançando que a moeda com que pagara era magnifica e que a tinha recebido na vespera. Quizeram revistal-a, mas ella oppôz-se a isso, e, fazendo uns movimentos de indignação, deixou cahir duas moedas eguaes á que dera á capellista e que tinha escondidas entre as roupas. A mulher foi, pois, enclausurada, apesar de insistir em negar, e só ha dias se decidiu a fazer as suas declarações em vista das quaes a policia prendeu os moedeiros falsos na casa n.º 45 da rua Violet, na occasião em que elles subiam para um trem, que os devia conduzir á estação de Lyon. Acto continuo foi passada uma busca ao domicilio do principal accusado; a policia encontrou alli todo o material d'uma verdadeira fabrica de moeda. O emprezario da fabrica é um tal Deuchaup, artista de cafés-concertos, que cantava sob o pseudonymo de *Diego*; os seus cumplices são: Luiza Rollet,—uma rapariga de 24 annos, que se intitulava actriz e era a passadora das moedas,—um Lieville e um fulano que dá pelo nome de Bunel. Em casa d'este ultimo foi encontrada uma grande porção de moedas de 5 francos. Suppõe-se que haja mais cumplices.

Contra o duello.—O deputado francez M. Cluseret, apresentou á camara um projecto de lei contra o duello. A provocação para duello constituirá um delicto que será punido com dois a seis mezes de prisão. As testemunhas soffrerão a mesma pena. A ralisação do duello será punida com sis mezes de prisão. Eis o que diz o arigo 9.º e ultimo d'aquelle projecto:

«O *compterendu* d'um duello por via da imprena será punido com prisão de seis dis a tres mezes e multa de 16 a 500 francos.»

Resta sabr se a camara discutirá o projecto ouse o arrojará para o baralho das commissões.

Epidemia nos grandes armazens do Louvre.—Domngo ultimo espalhou-se em Pariz a noticia alarmante de que se manifestára n'um dos grandes armazens d'aquella capital uma epidemia de caractr grave. Effectivamente averiguou-se que uma doença inexplicavel atacára o pessoal dos grandes armazens do Louvre. A administração dos armazenscitados fez logo destruir uma grande quantidade de saladas que deviam servi para a alimentação do pessoal e mandou que se fervesse a agua de que tivesse de fazer-se uso. Cerca de trazntos e cincoente empregados estão aacados da epidemia que é a *febre dengue* ou *influensa*.

Onde está a morte!—Um rapaz empregado n'um escriptorio, em França, picou-se com a penna de escrever. No dia seguinte inchou-lhe o braço enormemente, e a amputação foi julgada indispensavel; mas tornou-se inutil porque ao cabo do segundo dia, o rapaz succumbia a um envenenamento de sangue pela tinta.

O jornal d'onde extrahimos esta noticia aconselha-nos a que tenhamos cuidado com a tinta mas agradeceriamos mais a advertencia se nos dissesse qual era a tinta que o fallecido empregava.

NO CAMINHO...

E' da *Federação Escolar* o seguinte artigo:

Até aqui, até hoje, palavras;—agora, e para o futuro, obras....

As manifestações do professorado teem sido limitadas, restrictas á escola e ao que d'ella immediatamente depende; não obstante representarem muitos esforços, cuidados, e até abnegações. Não basta, porém, esta ordem de manifestações, porque outras estão solicitando os esforços e os cuidados da prestante classe do professorado, que deve acompanhar a evolução do ensino—o progresso, que para a escola pode representar, em curto praso, a sua regeneração. Como professores e como homens não temos outro desejo, outra aspiração que não seja a regeneração da escola pelas manifestações do progresso, que tambem são a evolução social e da vida domestica—cuja influencia se patenteia em todas as sociedades cultas. Certos de que altissimos serão os fructos que se hão de colher da escola, progressiva e util, e das manifestações publicas que patenteem o estado da instrucção primaria, vamos empenhar-nos na ardua tarefa de organisar uma Exposição Pedagogico-Escolar, com o concurso do ensino official e livre das seis circumscripções do norte de Portugal.

Desejando que seja attendido o nosso appello—submettemos á apreciação de todos os collegas e de todos os leitores da *Federação Escolar* os documentos que servem para demonstrar os nossos intuitos e nosso mais ardente empenho.

—

Circular.—Collegas.—A nossa divisa, o nosso timbre, o nosso lemma—é a Trindade do Progresso, representada nos tres factores que concorrem para a vida e civilisação dos povos: **A educação, a instrucção** e o **trabalho!**

E', e deve ser tambem o vosso, porque trabalhaes, porque instruis, porque educais, porque, n'uma palavra, sois os primeiros chamados a cooperar na grande obra da civilisação—que se chama o **ensino do povo.**

Se é, pois, assim, que nos cumpre fazer? Juntar o trabalho á acção, a vontade ao dever, os esforços individuaes ou isolados aos esforços que se *traduzam n'uma manifestação collectiva*. E' esse o nosso proposito, é esse tambem o nosso mais vehemente desejo e empenho!

As leis sociaes, as leis da patria—modeladas na justa comprehensão do progresso, que moralisa, que regenera, que civilisa emfim,—impõem deveres impreteriveis e tão sagrados, que impossivel se torna a esquivança ou um addiamento, que possa traduzir-se em indifferença—mal que nos enebria, que nos seduz, que nos avassalla, que nos escravisa até a vontade, e com esta todos os sentimentos da solidariedade, que deveram ser a **pedra de toque** de todos aquelles que exercem o augusto mister do ensino. Mas... sempre é tempo!

Collegas! Temos necessidade de marchar, isto é, de progredir. E tambem temos necessidade de evidenciar á sociedade—qual é a natureza e o valor dos nossos serviços. Carecemos de mostrar que as nossas aspirações são justas, porque se fundam em serviços reaes, effectivos, e tambem inconfundiveis. E, finalmente, é mister uma manifestação de ordem e valor taes—que por si mesma se imponha a todas as consciencias, dando-lhes rebate, e inspirando-as na sympathia que se conquista pelo direito, e tambem pela força do reconhecimento de serviços constantes sempre... e dolorosos muitas vezes—no arduo desempenho das funcções do ensino e da educação. A vossa intelligencia e os vossos sentimentos, a vossa consciencia, clara na apreciação dos nossos fins e intuitos—dispensa-nos do emprego de phrases, estereis ou não, para nos fazer comprehender; por isso limitar-nos-hemos a chamar a vossa attenção para o programma e regulamentos, que acompanham a presente circular, os quaes dizem bem alto o que desejamos, o que pretendemos de vós para a realisação da ideia n'um facto—**exposição pedagogico-escolar das seis circunscripções escolares do norte de Portugal.**

Subscrevemo-nos com a mais subida consideração e estima,

collegas dedicados

Porto 9 de novembro de 1889.

Commissão executiva:—Bento José da Costa, Clorinda de Macedo, Elvira Nunes Delgado.

Commissão de propaganda:—Antonio Justino Ferreira, Adriano de Carvalho Miranda, Elvira Baptista Ferreira, José Ramos Soares Baltar, João Rodrigues Marques Valente, Francisco Antonio Vieira, Guilherme Augusto Candeias, José Vieira Mendes de Queiroz, Thomaz Teixeira Duarte, Joaquim Machado Cabral.

Relator—Carlos Affonso.

—

Exposição Pedagogico-Escolar das seis circumscripções escolares primarias do Norte do Portugal.

PROGRAMMA

1.º GRUPO

Escolas officiaes e livres de instrucção primaria

Sexo masculino

1.ª Secção—Desenhos
2.ª Secção—Provas calligraphicas
3.ª Secção—Trabalhos manuaes.

Sexo feminino

1.ª Secção—Desenhos
2.ª Secção—Provas calligraphicas
3.ª Secção—Trabalhos d'agulha e lavores.

2.º GRUPO

1.ª Secção—Um exemplar dos livros adoptados em cada escola official e livre

2.ª Secção—Quadros representando os horarios escolares, frequencia media escolar e pessoal docente

3.ª Secção—Mappas indicando os methodos seguidos, e as condições hygienicas e pedagogicas dos edificios escolares ou das aulas.

3.º GRUPO

1.ª Secção—Livros escolares

2.ª Secção—Plantas de edificios escolares; modelos de mobilias e de utensilios escolares (Trabalhos originaes)

3.ª Secção—Museus escolares e material de ensino.

4.º GRUPO

1.ª Secção—Estatisticas officiaes, e publicações officiaes ácerco da instrucção primaria nacional

2.ª Secção—Livros ou obras que tenham por assumpto a instrucção popular

3.ª Secção—Jornaes, periodicos ou revistas nacionaes, antigas e modernas, que se hajam occupado da instrucção popular.

5.º GRUPO

1.ª Secção—Breves relatorios ácerca do movimento escolar em cada uma das seis circumscripções escolares primarias do norte do paiz

2.ª Secção—Projectos de reforma e organisação da escola primaria

3.ª Secção—Memoria ácerca do ensino profissional na escola primaria.

6.º GRUPO

Secção especial

Trabalhos profissionaes

a)—Das escolas de desenho industrial;

b)—Das escolas industriaes;

c)—De professores de desenho, de ensino livro e do official.

O relator—*Carlos Affonso.*

—

Regulamento da Exposição Pedagogico-Escolar das seis circumscripções escolares primarias do Norte de Portugal.

Artigo 1.º—A representação, na Exposição, será feita por escolas e por sexos, em secções, e agrupadas em concelhos.

§ 1.º—O ensino official occupará um lado na Exposição; o ensino livre o lado opposto.

§ 2.º—Os restantes grupos, mencionados no programma, dispor-se-hão ao centro da Exposição.

Art. 2.º—Cada escola official ou livre, d'um e d'outro sexo, não poderá apresentar em cada secção, do grupo 1.º, mais de seis trabalhos ou provas dos seus alumnos.

§ Unico—Todos os trabalhos ou provas deverão ser firmados pelos alumnos e pelos respectivos professores, com a designação da edade e tempo de frequencia do alumno, e da escola a que pertence.

Art. 3.º—Os trabalhos que se destinarem á Exposição deverão ser remettidos para o Porto, á Commissão Executiva, até ao dia 30 de março de 1890.

§ Unico—As despezas de transporte e outras, que digam respeito aos objectos a expôr, serão de conta dos expositores.

Art. 4.º—Todo o expositor é obrigado a declarar, até ao dia 1.º de janeiro de 1890, em que grupo ou secções deseja ser inscripto.

Art. 5.º—As remessas para a Exposição poderão ser feitas, e isso será mais conveniente, por intermedio dos inspectores e sub-inspectores primarios.

§ Unico—Cada expositor poderá exigir recibo dos objectos a expôr, em troca da guia ou relação que os acompanhar.

Art. 6.º—Com as memorias, projectos de reforma e organisação do ensino primario, e outros documentos de valor, se fará um volume que será distribuido gratuitamente ás escolas representadas na Exposição; vendendo-se os restantes exemplares para, com o seu producto, se crearem premios escolares.

Art. 7.º—O producto liquido da Exposição, havendo-o, destinar-se-ha para premios e diplomas aos expositores, a quem couber essa distincção.

Art. 8.º—Todo o expositor terá direito a receber uma medalha ou diploma especial—commemorativo da Exposição.

Art. 9.º—O emblema da Exposição será:

«Exposição Pedagogico-Escolar—das seis circumscripções escolares primarias do Norte de Portugal—1890—Educação. Instrucção e Trabalho.»

O relator—*Carlos Affonso.*

—

Regulamento das Commissões

Art. 1.º—Os trabalhos da Exposição Pedagogica Escolar dividir-se-hão por commissões especiaes, que terão a seu cargo o desempenho dos mesmos.

Art. 2.º—Os trabalhos serão de duas especies: de *expediente* e de *propaganda e acquisição*.

§ 1.º—Os de expediente competem á commissão executiva, composta de tres membros.

§ 2.º—Os de propaganda, e acquisição de trabalhos a expôr, competem á commissão mixta, composta de doze membros.

Art. 3.º—Além das attribuições expressas no art. 2.º e seus §§ cumpre mais ás commissões:

a) A' executiva a direcção dos trabalhos da Exposição, tanto internos como externos;

b) A' de propaganda e acquisição, a organisação, e a installação da Exposição, e a escolha dos meios que julgar mais consentaneos para o bom exito de seus trabalhos.

Art. 4.º—As commissões serão solidarias e igualmente responsaveis pelos seus actos.

Art. 5.º—Todos os papeis ou actos officiaes deverão ser assignados ou representados pelas commissões, ou seus presidentes.

O relator—*Carlos Affonso.*

JOAQUIM LOPES

I

Quem vê a avesinha ao demandar o ninho, livrar-se nas azas, ou desprender curtos vôos, sem se affastar, mas não buscando a passagem, porque um nada, uma sombra lhe poz medo, faz idéa perfeita do navio pairando á entrada do porto desconhecido que receia, ou que ainda conhecendo-o lhe apresenta difficuldades a vencer.

O passaro esvoaça em torno do almejado domicilio, esperando que se desvaneça, ou se retire a causa de seu susto; o navio bordeja n'um e n'outro sentido á espera do pratico, ou da occasião favoravel de adergar á barra. Mas se para aquelle é só a questão de tempo perdido o espaço da demora para este é mais vital o interesse e dobrado o temor; porque se não ha vento, chuva, ou cerração, que possam empecer o caminho da ave, todos esses contras prejudicam, ou quando menos, embaraçam a posição do navio.

E' que o mar é mudavel! o tempo, agora bom, póde logo fazer-se de tormenta, o que torna anciosa a espera; e se não acurva os animos, irrita-os, obrigando-os por vezes a tentames impossiveis. Quando apoz uma longa viagem e crescidos dias d'isolamento no meio do oceano, começa a descobrir-se e a subir no horisonte a terra promettida pela exactidão dos calculos, quando entram a enxergar-se os montes e cordilheiras de serras conhecidas, e ainda mais depois, quando já se differençam as praias, os rochedos, as arvores, os campos, quando tudo isso é a patria, quando se vê alvejar já de perto a casinha da aldeia e o local dos brinquedos descuidosos da infancia, o coração do homem do mar expande-se em repellões de sofrega alegria, as lagrimas veem marejar nos olhos, empanando o brilho á magestosa perspectiva. E por muito endurecido que seja o marinheiro, por muito affeito que esteja áquellas scenas, e por mais que tenha a alma empedernida pelos vae-vens da sua vida nomada, sempre o coração offegante, lá lhe dá algum signal de commovente alegria!

E' que é a terra natal, é a familia, são as recordações da meninice; é tudo a sorrir-lhe ditoso, a dizer-lhe—sê bem vindo—a mostrar-lhe a felicidade da vida passada entre os seus, a comparar-lhe o viver entre estranhos por mais que sejam amigos, a fazer-lhe notar as differenças de costumes, de clima e de tudo.

Que a vida do mar tem encantos, que o mar tem atractivos, que tem um não sei que de magnetico para chamar a si novamente aquelles que pretendem abandonal-o, é facto inexplicavel, sentido por todos os homens do mar! mas tambem em compensação, quando ao longe, nas vastidões do oceano—como a agulha sempre voltada ao pollo—o marinheiro volta-se para o lado da terra que o viu nascer. E depois no *sonhar acordado* dos longos *quartos* da noute, nas nuvens que se balouçam no espaço, na brisa que vem beijar-lhe as faces, no longiquo horisonte, traço de união de céo e mar, divisa vagas miragens de tudo que deixou além, na patria, na terra que está vendo quando demanda o porto, quando as miragens se tornam imagens, quando se fazem realidades, quando criam um corpo, que vae crescendo, formando-se, enchendo-se de vida, ao vêr as praias, as arvores, a aldeia!

Mas entre elle, e tudo que vê e que quer abraçar, ha ainda o espaço, os escolhos, os rochedos, ha o tempo, ha o mar! e o mar é mudavel! Que importa estar agora o céo sereno, a brisa fagueira, o mar plano! quem diz o que será d'aqui a pouco? o mar é mudavel, e é forçoso esperar.

A espera é anciosa e febril, os instantes são seculos, que só avalia quem por elles tem passado.

Para o homem do mar n'aquellas circumstancias não ha socego de espirito, nem de corpo; principalmente quando sobre elle pesa a responsabilidade do commando. Embora os disfarçoes e rebuços, que impõe a disciplina e a necessidade de se mostrar forte e intrepido, para que a obediencia seja natural e a confiança absoluta, o espirito acha-se sobresaltado com o que ha, ou o que póde vir, o corpo acha-se fatigado com as vigilias e trabalhos da longa navegação.

Poucas vezes se admira então a magestade do panorama, que se desenrola á vista. Só da praia é que póde bem contemplar-se o grandioso quadro do mar. O mar contempla-se, e por força de contemplar-se, admira-se! e a grandeza do espectaculo ainda por vezes deslumbra, dando como resultado a abstracção. Passa-se tempo infinito ollando para a agua, sem pensar. A intelligencia obscurece-se por aquella immensidade, a vista ennovôa-se com as mil cambiantes do azul do oceano. Olha-se sem vêr, considera-se, mas não se pensa! Tanto é magnifico no todo, tanto é grande em cada uma das suas partes! Não se desce á analyse dos mil misterios que encerra tanta magestade, mas folga-se de vêr a ondasinha buliçosa que deslisa mansamente pela areia, e que ao retirar-se, como temerosa de subir mais alto, traçou na praia a curva d'humida espuma, que em breve se desvanece pela infiltração.

Cada dia, cada momento faz nova mudança na apparencia da immensa planicie liquida. Agora, quieta e placida, precedendo-se as vagas compassadas e mansas a rolar os calhaus as conchas; logo irritada e brava, fazendo das vagas montanhas a quebrarem-se altivas nos cachopos, desenrolando cachões d'espuma e seguindo-se soberbas e apressadas, como temendo que lhes falte o tempo para a sua obra de destruição!

E' que o mar é tão inconstante como a physionomia da mulher *coquette*, ouvindo as estrophes sentidas dos idyllios dos amantes; é tão vario, como a doudejante borboleta, volteando de flôr em flôr! O mar é mudavel; e o navio pairando á barra deve sempre receiar-lhe as insconstancias.

II

Vêde que céo azul, que athmosphera tão limpida, que branda aragem cicia nas franças dos arvoredos, e vae depois levemente arrugar a liza toalha das aguas do rio.

Nuvens soltas esbranquiçadas, ennovelam-se brincando quasi no mesmo sitio do espaço, e só no alto, tanto no alto, que só lá pódem subir as aguias e as nuvens, é que outras mais rasgadas e estendidas, se despedaçam e franjam, como um véo de gaze entregue ás furias do vento.

Nuvens de bom tempo umas, nuvens de vento fresco as outras, algodões e rabos de gallo, na linguagem pittoresca dos marinheiros; cumulos e scyrrus, no terminologia escabrosa da sciencia. Mas além da barra, aonde campeiam altivas as vagas do oceano, começam ellas a coroar-se de espuma, impellidas pelos sopros desabridos do vento mareiro. Os barcos pescadores, com as velas colhidas buscam o abrigo das bahias, e se algum mais ousado, ou cupido, se deixou retardar, eil-o lá ao longe luctando com as ondas, e só com um *bolso de panno* deitando em cheio a procurar o porto.

As nuvens de brancas que eram, tornaram-se chumbadas e terrozas, e agglomerando-se d'um só lado, desenham e constroem castellos e figuras, de fórmas nunca vistas, que a pintura não reproduz, que a imaginação não concebe. Tudo presagia um temporal; e coitado do navio que se vê ao largo, demorado pela vasante e pela calma, que lhe não deixaram alcançar fundeadouro. Em breve, ao poente, entra a levantar-se um ponto escuro, que se alarga, que cresce dominando o horisonte, e que sóbe traçando uma curva distincta a cobrir e toldar tudo, deixando por baixo a côr esbatida d'uma photographia.

A massa negra prenhe de chuva avança, aproxima-se; o dia escureceu, assombreado o sol por aquella barreira opáca, e a tormenta cresce, caminha, revolutea no espaço, fuzila, descarrega trombas d'agua, desencadeia o vento!

E' a tempestade! é o vendaval!

Na terra as folhas redopiam em vertiginoso redomoinho, as arvores desarraigam-se, as casas tremem sacudidas pela força das rajadas. O raio estalla, e listra a athmosphera em fitas de fogo; e quando á claridade dos relampagos se dissipa e entre-abre o negrume da tormenta, vêem-se as vagas em volutas enormes sobre os baixos e escolhos, desfazendo-se em cachoeiras que se precipitam por entre os rochedos!

Tudo é destruição e horror!

E o pobre navio abarbado com a terra do sul, forceja de vela contra a travessia, para pôr-se abra aberta com o porto e tentar a entrada apezar do temporal! E' que está entre Scylla e Charibdes, e não ha para onde fugir correndo com o tempo. D'um lado os cachopos com as vagas altaneiras e soberbas, d'outro a praia esparcellada, os alfaques, os baixios e não menos temerosos mares. D'ambos os lados os horrores do naufragio... sem esperança... e a morte!

Tenta-se o impossivel! O navio

não póde *reger* panno na maior força da procella! que importa? Deixa ir, que em quanto aguenta ha uma esperança, e é a unica probabilidade de salvação! A borda de baixo d'agua, as cobertas a prumo—não póde mais! E' o absurdo do desespero, e o desespero da agonia!

De repente ouve-se um estalo horrendo no meio do estalar da procella, são as gaveas que voam em tassalhos, os mastaréos que desarvoram! O navio adrissou-se! mas qual madeiro sem governo, brinco da vaga furiosa, lá vae arremeçado para o cachopo... bateu! caiu!... está perdido!

E o mar dominando orgulhoso o que fizera sua preza, rebenta e despedaça-se sobre elle, varrendo-o de um extremo a outro. Nada lhe resiste aos impetos furiosos; e a airosa e potente construcção, que tantos cuidados e tempo exigira, vae ser em pouco reduzida a um miseravel resto deformado e desfeito, que longe de servir d'azylo aos tripulantes, só lhes é como a antesala da morte!

Os mastros vergando como vimes, quaes immensas alavancas movidas pela mão poderosa dos Titãs furibundos, imprimem ao casco medonhos solavancos; até que n'algum balanço de maior amplitude, com alguma vaga mais assombrosa ainda, estouram, racham, fazem-se pedaços, como o fragil caniço quebrado pela mão debil do menino! As madeiras desconjuntam-se, os ferros estalam como vidros, os cabos rebentam como linhas, e tudo por mais forte e valente, encontra ainda mais valentia e mais força a cada novo golpe de mar.

Aquelles que têem assistido, embora de longe, á triste scena de um naufragio, não podem nunca mais esquecer o horror de tal quadro! Quem ainda o não viu, peça a Deus que o não faça jámais testemunha de factos, que só deixam lamentosas recordações.

A imaginação por mais esforços que faça, não lhe alcança nunca a pavorosa realidade, e as palavras não podem descrevel-o com todos os seus horrificos episodios.

Os homens, as taboas, os mastros, os restos dos escaleres e do navio, tudo de roldão varrido e arrastado pelas vagas, e depois atirado de encontro ás pedras, destruido no choque de tantos corpos, todos confundidos em medonho amalgama, envoltos no alvo lençol de espuma, mortalha de tantos infelizes.

Os arrancos dos feridos, as lamentações derradeiras dos que são levados pelo mar, o ultimo e supremo grito dos afogados, o bramir do vento, o roncar da vaga, o gemer e estalar do navio! espantoso e lugubre concerto, côro infernal e tetrico, capaz de enfraquecer a alma mais robusta, e de desfallecer a mais ousada esperança!

E em que esperar então, quando a morte põe cerco á vida com tal cortejo de horrores? D'onde requerer soccorro, quando assim se está separado do mundo, por uma barreira d'abysmos? De quem o receber, quando os mais atrevidos empallidecem só de pensar em taes perigos?

Mas o marinheiro crê e tem fé na Providencia e espera em Deus, que em lances d'aquelles faz-se religioso o mais sceptico! E o soccorro lá vae, que Deus não abandona os que n'Elle põem a sua confiança.

Vêde aquelle barquinho luctando audazmente com os furores da tempestade, resistindo ás vagas, que ora o levam a tocar as nuvens, ora a roçar os abysmos! Vêde-o zombando dos escarcéos, encaral-os impavido, rompel-os, dobrar-lhe as furias, mas avançar sempre sem mais olhar ao perigo que passou! Vêde-o aproximar-se do local do sinistro, alli onde redobram os perigos, aonde a perda é quasi certa, aonde só a temeridade e desprezo da vida, ou a santa dedicação podem arrastar! Vêde-o, lá chega! já entrou no turbilhão devorador! o redomoinhar das vagas vae impellil-o contra os rochedos! mais outra desgraça, mais victimas! Não! que a Providencia os ampara em sua santa missão; o braço de Deus defende os destemidos *salvadores!* Eil-o em pé na pôpa, o homem corajoso que os conduz! Ouvem-se os gritos dos naufragos, e os brados d'animação que lhes respondem. Eil-o em pé na pôpa, a mão direita no leme, a outra mostrando o céo!

«Animo, rapazes. Nossa Senhora da Guia vem comnosco.»

Chegou! e,anjo custodio d'aquelles desgraçados, salva-os de morte horrorosa. Santa coragem, bemdita dedicação! Deus te acompanhe sempre, homem generoso e intrepido!

(Continua.)

CARTA DE LISBOA

12 DE DEZEMBRO DE 1889.

A resposta do sr. Barros Gomes á nota com que lord Salisbury protestou contra o decreto do governo portuguez que organisa o districto do Zumbo, produziu uma notavel impressão no espirito publico, pela clareza, energia e correcção como está redigida. O sr. Barros Gomes tem merecido os applausos de toda a gente, que faz justiça á seriedade do seu impolluto caracter, ao seu alevantado patriotismo e ao seu aturado estudo. Não posso deixar de referir-me com louvor á attitude digna, seria e patriotica, com que toda a imprensa da opposição tem procedido, collocando-se ao lado do ministro, para lhe dar toda a força de que carece, afim de protestar contra o esbulho que a Inglaterra, *nossa fiel alliada*, tenta fazer do nossa dominio africano. A nota do sr. Barros Gomes, já de todos conhecida, é um documento que honra o ministro que o elaborou, o deve ser um orgulho para o paiz, porque tem a certeza de que ha quem zele com energia e dignidade os mais caros interesses da nação.

E' a Inglaterra a mais antiga alliada de Portugal, mas é tambem essa nação a que mais nos tem prejudicado e enfraquecido. A' nossa custa tem a Inglaterra enriquecido, augmentado os seus dominios, e como recompensa não perde occasião de nos melindar e desprestigiar. O que tem Portugal lucrado com a alliança ingleza?

Os sabedores que o digam para que o paiz o saiba. Andamos continuamente envolvidos em questões com a Inglaterra, quando d'esta nação deviamos esperar a mais efficaz protecção; mas a Inglaterra invoca a nossa alliança para d'ella tirar todo o partido que póde, sem se importar com o prejuizo que nos advem das suas ambiciosas exigencias. A Inglaterra já devia saber que se somos pequenos, somos bastante dignos para nos não deixarmos humilhar nem espoliar do que de direito nos pertence. O sr. Barros Gomes tem sido secundado na attitude firme, delicada mas energica, por todo o paiz, que lhe tem dado todo o apoio para poder reagir desassombradamente.

A *Gazeta de Portugal* exprime-se nos seguintes termos:

«Apressamo-nos a publicar o despacho do sr. ministro dos negocios estrangeiros em resposta áquelle em que lord Salisbury encarregou o sr. ministro de Inglaterra n'esta côrte de protestar contra o decreto do governo portuguez, organisando o districto de Zumbo, e *prestamos a devida homenagem á maneira honrosa e digna como está redigido aquelle documento.*»

Ainda bem que o orgão official do partido regenerador faz justiça ao ministro que procura zelar a nossa honra. Isto prova que em se tractando de actos patrioticos todos se dão as mãos para que a nação seja desaggravada.

O *Jornal da Noite* segue as pisadas do orgão official do seu partido:

«Não regateamos louvores e nenhuma rectificação temos de fazer nos que démos á resposta portugueza ao despacho de lord Salisbury. De resto, a attitude da opposição regeneradora n'esta questão é perfeitamente consoante com as tradições do nosso partido.

. . . . . .

A resposta do sr. Barros Gomes ás pretenções absurdas e injustas adoptadas pelo despacho inglez, foi a que devia ser, e a que seria, qualquer que fosse o ministro que tivesse de assignal-a:—a resposta do direito e do decoro do paiz, que não consentiria n'outra. E esta força é que nós queremos que tenha o governo,—este, como qualquer outro,—em taes circumstancias, perante um governo estrangeiro: —a de ser singela e incontroversamente o interprete, não de uma opinião ou de um criterio pessoal ou de facção, mas do sentimento e da vontade de todo o paiz. E' mais de que uma incorrecção, é um crime substituir esta comprehensão e esta significação justa, exacta, digna das cousas, este consenso e accordo tacito ou expresso de todos os partidos portuguezes, pela insinuação ou pela exploração dos pequenos interesses e dos acintosos e exclusivistas intuitos e gloriolas de camarilha e de partido. E' enfraquecer as allegações e a defeza do paiz, perante as pretenções estrangeiras.»

O *Diario Illustrado* acompanha os seus correligionarios no mesmo côro de felicitações ao sr. Barros Gomes. Leia-se o que escreve este jornal, e certamente todos nós portuguezes, nos devemos rejubilar, pela attitude patriotica como a imprensa secundou o ministro para lhe dar força, coragem e energia, para defender o paiz cuja honra lhe está confiada:

«Toda a imprensa regeneradora applaudiu a nota do sr. ministro dos negocios estrangeiros em resposta ás injustas reclamações de lord Salisbury. Não houve uma só discordancia, e alguns nossos collegas deram na sua integra o documento official, fazendo assim a mais larga propaganda da sua doutrina. N'este procedimento, que é fidalgamente patriotico, ha dois factos a accentuar: o desprendimento politico do partido regenerador, e a coherencia de toda a sua imprensa com as declarações feitas pelo sr. conselheiro Antonio de Serpa Pimentel, em uma das ultimas sessões da camara dos dignos pares. Para defendermos, intacto, o nosso imperio ultramarino, que nos levou seculos a descobrir, que nos custou mil sacrificios de sangue e dinheiro, que é a nossa maior gloria, que é a affirmação do nosso trabalho de navegadores, que é o grande facto da civilisação universal, somos todos por um, e um por todos. Não ha progressistas nem regeneradores, como não devia haver republicanos: ha unicamente portuguezes, com a preoccupação de manterem illesa a integridade da patria, e sem preoccupações contra ou a favor da Inglaterra, da Allemanha, da Belgica, ou da Hespanha.»

O *Diario Illustrado* termina assim:

«O sr. Barros Gomes ha de ter naturalmente um brilhante futuro na politica do paiz; ha de talvez constituir ministerios, podendo escolher á vontade, sem incompatibilidades, homens illustres para seus collaboradores.»

O sr. Barros Gomes deve sentir-se orgulhoso e dar-se por bem compensado dos grandes desgostos e infinitos dissabores que certamente deve ter soffrido, para cumprir digna e patrioticamente os deveres do seu cargo. Honra, pois, ao ministro que tão bem cumpre o seu dever; e honra tambem á opposição, que esqueceu as rivalidades politicas para só se inspirar no verdadeiro patriotismo.

E n'este sentido fallam todos os jornaes de todas as côres politicas.

— A folha official de 11 publica o seguinte decreto:

«Achando-se designado o dia 28 do corrente mez de dezembro para a solemne inauguração do meu reinado, pelo juramento que tenho de ratificar em sessão real extraordinaria das côrtes geraes da nação, e pelo acto de acclamação que em seguida se ha de realisar: hei por bem decretar o seguinte:

1.° A noticia do dia designado para a solemne inauguração do novo reinado será transmittida a todas as auctoridades, civis, militares e ecclesiasticas, assim collectivas como individuaes, a fim de que pela sua maior publicidade possam n'esse mesmo dia todos os portuguezes residentes no continente do reino dar as provas de fidelidade e patriotismo correspondentes á importancia e significação de um acontecimento, que em todas as suas relações deve andar sempre ligado á conservação da paz publica, á manutenção das liberdades constitucionaes, e ao progresso e adiantamento da civilisação e prosperidade geral do reino.

2.° Será de grande gala o dia do juramento e acclamação real; haverá salvas de artilheria nas fortalezas e navios do estado, e serão permittidas todas as outras demonstrações usadas por similhantes occasiões.

Nas ilhas adjacentes e provincias ultramarinas, quando o presente decreto não chegue ao conhecimento das respectivas auctoridades superiores a tempo de ser festejado o indicado dia, será para os mencionados effeitos de grande gala aquelle que pelas mesmas auctoridades fôr opportunamente designado.

3.° Pelos diversos ministerios devem ser remettidos exemplares d'este decreto ás auctoridades da sua dependencia, afim de que, em vista das disposições n'elle consignadas possa ficar geralmente reconhecida a solemne inauguração do meu reinado.

O presidente do conselho de ministros, ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço de Belem, em 5 de dezembro de 1889.—REI.—*José Luciano de Castro.*»

No mesmo dia 28 haverá *Te Deum* em acção de graças, não se sabendo por emquanto se o *Te Deum* se realisará na Sé ou em S. Domingos. A' noite haverá recita de gala. No dia 29 effectuar-se-ha a revista militar na Avenida, e á noite haverá fogo de artificio no Tejo. Dia 31 banquete de gala no Paço. No dia 1 de janeiro grande recepeão para comprimentos por motivo da acclamação e do anno novo. No dia 2, abertura das côrtes e recita de gala em S. Carlos. No dia 3 principiará el-rei a visitar os estabelecimentos publicos de Lisboa e arrabaldes. Concluida esta visita, el-rei partirá em digressão á cidade do Porto.

Na Avenida da Liberdade principiaram a levantar-se as tribunas para revista militar.

Por occasião das festas da acclamação, todos os corpos do continente do reino darão contingentes de cincoenta praças para fazerem parte da parada. Os regimentos de cavallaria 1, caçadores 1 e 6 e infanteria 11 virão completos, dando este ultimo o destacamento para a torre de S. Julião da Barra.

— Suas magestades o imperador e a imperatriz, acompanhados de toda a familia imperial e da comitiva, foram no dia 11 ao meio dia ouvir missa á egreja da Encarnação por alma da mãe de sua magestade o imperador, por ser dia do anniversario do seu fallecimento, seguindo depois para Queluz a visitar o palacio e quinta real.

— Sua magestade el-rei começou ante-hontem a sua visita aos quarteis da guarnição de Lisboa, visitando o quartel de artilheria 1, onde foi recebido por toda a officialidade, na qual se via o sr. infante D. Affonso. A visita de sua magestade durou mais de uma hora.

— Terminou satisfactoriamente o incidente do *Alagoas*, de que já lhe dei noticia. Hontem, o commandante do *Alagoas* foi á capitania do porto pedir que lhe fosse feita por escripto, para sua salvaguarda, a intimação para não arvorar bandeira nova, declarando que a arvoraria de novo, se até ás 3 horas da tarde não recebesse a intimação n'esses termos. A capitania do porto mandou a bordo essa intimação, redigida nos termos mais convenientes. Os officiaes portuguezes, que foram a bordo, confraternisaram com os brazileiros, bebendo champagne, e fazendo-se affectuosos brindes á prosperidade dos dois paizes e á cordealidade das relações entre ambos. E' para desejar que o governo brazileiro faça as devidas notificações ás potencias, e promova o seu reconhecimento official, para se evitarem incidentes desagradaveis, que nada teem com essa cordealidade de sentimentos, mas que podem prejudicar-lhe as manifestações exteriores.

— A policia tem praticado aqui alguns abusos e a imprensa começa a queixar-se d'isso. Ha dias prendeu uma sr.ª a quem se attribuiu injustamente uma subtracção de 500$000 réis. O facto escandalisou a opinião e um jornal dos mais auctorisados de Lisboa escreve a esse respeito o seguinte:

«Segundo nos consta, ainda não foram punidos os policias que arbitrariamente prenderam uma senhora por uma simples denuncia anonyma. O procedimento dos funccionarios superiores da policia n'este caso é não só censuravel como prejudicial á propria instituição. Não é permittindo abusos que enxovalham, vexam e diffamam os cidadãos, que se ganha para a corporação policial o respeito e a consideração que ella deve ter, mas que infeliz e justificadamente não tem, pela má entendida protecção dos commissarios aos guardas ineptos e brutos. Não levantaremos mão do assumpto, porque queremos poder andar sem passaporte por essas ruas e não termos a nossa liberdade á mercê do primeiro que se lembre de nos mandar prender, depois de ter pago dois decilitros a qualquer policia.»

Bom é que a policia seja, em toda a parte o que *deve ser—elemento* de ordem e exemplo de moderação. O que não for isto contraria os principios da sua instituição e isso é mau.

— Continuam os suicidios. Ante-hontem, cerca das 4 horas da tarde, foram vistos conversando animadamente, sentados n'um dos bancos da praça de D. Pedro e de costas voltadas para a tabacaria Neves, um homem e uma mulher, modestamente trajados, elle de frack e chapeu de côco, ella com um chale, vestido preto e mantilha. Subito, o homem tirou da algibeira um rewolver e, sem que a sua companheira tivesse tempo de lh'o arrancar das mãos, disparou um tiro no ouvido direito. Ouvindo a detonação e vendo-o cair a seu lado, a desventurada soffreu um tão profundo abalo que, por seu turno, caiu. Logo, porém, se ergueu e correndo desvairadamente, entrou na rua do Oiro e dirigiu-se, n'um extraordinario estado de excitação, ao aterro. Ahi, quasi em frente da Rocha do Conde de Obidos, encaminhou-se para o caes e precipitou-se ao rio. Felizmente, a maré estava baixa e a pobre mulher foi salva. Entretanto, juntava-se muito povo no Rocio, em volta do banco onde tentára matar-se o individuo e este era conduzido ao hospital, n'um estado desesperado. No local, faziam-se commentarios. Sobre o banco e no chão havia muito sangue. O homem, que tentou suicidar-se, chama-se Francisco Antonio dos Santos, móra na rua da Mouraria n.° 30, 5.° andar, e é natural de Monsanto, concelho de Torres. Segundo se averiguou, foi caixeiro d'uma casa de penhores, estabelecida no 1.° andar da casa em que habita, e' actualmente desempregado. O seu estado é muito grave. A bala não lhe pôde ser extrahida. A rapariga chama-se Leocadia Amelia da Silva e diz morar na rua da Costa, em Alcantara. Os dois namoravam-se. Parece que o que levou o desventurado ao suicidio foram successivas contrariedades, exacerbadas pela difficuldade de contrair matrimonio, com a rapariga, a quem requestava.

A outra tentativa deu-se na rua das Gaveas, 58, 2.°, casa habitada por umas hespanholas. Henrique de Vasconcellos, morador na rua Rodrigo da Fonseca, n.° 20, e frequentador habitual d'aquella casa, fez um ferimento profundo sobre o coração com um ferro cortante. Chamado um policia, teve este muito trabalho para fazel-o descer a escada e mettel-o n'um trem. Foi recolhido no hospital, e o seu estado é gravissimo.

Tentou suicidar-se, precipitando-se em frente do Aterro, Maria Rosa, moradora na rua de Pedrouços, n.° 8. Como, porém, a maré estivesse baixa, a allucinada deu com o corpo sobre as pedras, ficando muito contusa. Foi salva, sendo logo conduzida ao hospital de S. José, onde ficou em tratamento. Ignora-se o motivo d'aquella allucinação.

Maria do Carmo tentou tambem suicidar-se, lançando-se ao Tejo. Chegando á beira da muralha precitou-se para a agua, sendo salva por uns catraeiros. Foi levada para o hospital de S. José, onde ficou na enfermaria de Santa Joanna.

— A rapariga que entrou para o hospital de S. José, victima da aggressão na calçada de Santo André, acha-se nas seguintes condições: Pulso, 78; temperatura, 37,4 e respirações, 24. Estado geral, bom; conversa bem, tem appetite e está animada, pelo que se considera salva. Apresentou-se, é certo, crivada de chumbo em toda a face anterior do thorax, espaduas, face, braço e ante-braço. Um dos bagos do chumbo interessou o pulmão direito. A maior gravidade está no apparelho visual. E' provavel que seja completamente destruido ou em parte, ou pelo menos soffrerá mais ou menos a sua funcção. Um dos bagos entrou n'um dos olhos pelo limbo schlorocorneo, e no outro pela cornea e foram alojar-se no centro de ambos os globos oculares, ou ainda mais além. Acha-se a iris fazendo hernea pelo orificio de entrada, para o que se lhe está fazendo uso do collyrio de sulphato de zerina, o que lhe tem feito algum bem; em todo o caso o prognostico pelo lado da funcção visual persiste ainda muito grave.

— A's 10 horas da noite de ante-hontem deu-se uma explosão de gaz no quartel de cavallaria da guarda municipal da praça de armas em Alcantara, na occasião em que o cabo 20, da 3.ª companhia, ia accender um bico. Com a explosão rebentaram algumas portas e estalaram as vidraças das janellas, havendo grande alvoroço no quartel. O cabo 20 ficou bastante queimado no rosto; conduziram-o a uma pharmacia a receber os primeiros curativos. Compareceu o material da estação n.° 11, que não chegou a funcionar.

— Foi arbitrada a remuneração de 12$000 réis annuaes ao encarregado da estação de 5.ª classe em Cocujães, concelho de Oliveira de Azemeis, districto de Aveiro.

Y.

CARTA DE FOZCOA

12 DE DEZEMBRO DE 1889.

Já não responde no dia 17 do corrente o assassino Claudino d'Aguilar. O digno agente do ministerio publico, José Maria de Figueiredo, conhecendo o meio viciado em que vivemos e onde paira uma athmosphera nebuloza que não deixa conhecer bem a verdade sobre o crime, attendendo além d'isso a que muitos jurados se tem manifestado abertamente favoraveis ao réu e que por isso se tem pretendido inutilizar grande numero, senão todos d'esta villa, dando-os como testemunhas por parte da familia da victima, acaba de requerer em audiencia de dia 9 do corrente jury mixto para o julgamento como lhe faculta a carta de lei de 1 de julho de 1867 no seu art. 4.°. Não podemos deixar de louvar ainda d'esta vez o procedimento do digno magistrado, o unico que sobre o assumpto tem procedido com toda a lizura e imparcialidade, guiado sómente pelos nobres sentimentos da justiça e equiddade, desempenhando correctamente as suas altas funcções de representante da sociedade sem a minima queixa para ninguem,sem o menor reparo das partes interessadas. Outro tanto não poderemos dizer do juiz que acaba de ser transferido com intima satisfação para Fozcôa e do seu escrivão Sampaio, que tão facciosamente desempenha o serviço de que está encarregado.

Para os leitores conhecerem estes dois personagens, basta dizer-lhes que o primeiro pensou só em arreliar a parte, revogando-lhe despachos favoraveis e concedendo ultimamente mais 15 dias ao escrivão para a tiragem do traslado do aggravo para a Relação do Districto com o proposito de demorar a subida do aggravo e que elle seja distribuido depois das férias mandando alem d'isso juntar á sua informação differentes peças do processo para sobrecarregar a parte com despezas.

O outro personagem já os leitores o conhecem pelo seu procedimento que continua pelo mesmo caminho mas que talvez possa ser-lhe fatal. Vamos agora elucidar os leitores sobre a questão do jury mixto. Diz o art. 4.° da legislação citada o seguinte:

Se em qualquer comarca, com relação a algum processo de crimes a que correspondam penas maiores, occorrerem *circumstancias tão graves* que persuadam a conveniencia de se formar a pauta do jury de jurados da comarca, e dos das duas mais visinhas, o delegado do procurador regio, a parte accusadora ou o réu requererão ao juiz para sustar o julgamento do processo, representando logo ao presidente do supremo tribunal de justiça que, depois de ouvir o respectivo presidente da relação, convocará com urgencia o mesmo tribunal em secções reunidas para resolver immediatamente sobre o objecto da representação.

§ 1.° Tendo sido attendida aquella representação, o juiz de direito requisitará de cada uma das duas comarcas mais proximas os nomes dos doze jurados primeiro sorteados, e estes com os doze primeiros sorteados da comarca, onde penderem o processo ou processos, a que se refere a mesma auctorisação, formarão a pauta do jury, devendo verificar-se o julgamento em audiencia extraordinaria e com a possivel brevidade, de modo que o réu não fique retido na cadeia até ao semestre seguinte.

§ 2.° A resolução do supremo tribunal de justiça será tomada e communicada ao respectivo juiz de direito da comarca, no prazo de 30 dias, contados desde a apresentação. Se o não fôr, continuará o processo nos termos regulares, segundo a legislação commum.

— Até ao dia 25 do corrente está aberta a inscripção para todos aquelles que pretenderem cultivar tabaco para o anno de 1890 em vinhas phylloxeradas. Os requerimentos podem ser dirigidos ao sr. presidente da camara, regedores das parochias, chefe de trabalhos no posto do Pinhão, ao agronomo chefe da 3.ª região na Regoa ou directamente á secretaria da commissão no Porto.

— Respondeu no dia 10 o reu Joaquim Manuel Lopes, de Sebadelhe pelo crime de offensas corporaes. Foi condemnado em 6 mezes de prisão, um mez de multa, sêllos e custas do processo.

— Foi eleito juiz de paz effectivo pelo districto conciliatorio de Freixo de Numão, o ex.mo sr. José Bernardo Montinho de Carvalho, dignissimo presidente da camara. O 1.° substituto é o sr. José Joaquim Albuquerque e o 2.° o sr. Luiz José de Vasconcellos.

— Já se retirou o juiz Platão.

— Está já entre nós o rev. abbade José Maria d'Almeida.

Correspondente.

SECÇÃO AGRICOLA

CULTURA SIMPLIFICADA DAS VERBENAS

Poucas plantas são de uma cultura tão geral como as verbenas.

Devem a sua popularidade á rusticidade e abundancia de flôres, que são muito bellas e juntam a um aroma doce e agradavel coloridos variadissimos. A facilidade da cultura assegurou-lhe em todos os tempos um largo espaço em todos os jardins. Uma exposição arejada e com luz, terreno leve, frequentes regas no verão bastam para assegurar-lhe um vigoroso desenvolvimento. Cultivam-se, segundo o porte, em tufos, *corbeilles* ou massiços. Todas se prestam á cultura em vaso e n'estas condições são excellentes plantas de ornamento.

As verbenas multiplicam-se por sementeira e por estaca. A reproducção mais seguida geralmente é a por meio de sementeira, que produz plantas mais robustas e floriferas. A sementeira póde fazer-se na primavera em vasos, pica-se a terra logo que nascem e transplantam-se para onde devem ficar assim que teem cinco ou seis folhas. Estas plantas dão flôr no meio do verão. Semeiam-se tambem de agosto a setembro, em plena terra e principalmente em vasos, em terra leve; pica-se a terra logo que nascem, passa-se cada pé para vasos pequenos que se guardam de inverno em sitio abrigado ou em estufa fria, passando-se para a terra no anno seguinte em fins de abril ou principios de maio. Estas plantas dão depois flôres até ás primeiras neves. Podem-se ainda semeiar em plena terra de abril a maio. Obtem-se assim boas flôres desde o fim do verão até ao outomno.

Nem todas as variedades de verbenas são ferteis em sementes: algumas só dão uma pequena quantidade e outras são estereis.

A germinação mesmo não dá sempre os resultados desejados; acontece muitas vezes que sementeiras as mais bem cuidadas perdem-se completamente, emquanto que aquellas, que, por assim dizer, foram desprezadas, dão as melhores e mais agradaveis surprezas.

Bruxellas.

C. Pynaert.

PARTE OFFICIAL

SYNOPSE DO *DIARIO DO GOVERNO*

Diario de 9

Decreto convocando as côrtes a reunir no dia 29 de dezembro para o juramento e acclamação de sua magestade el-rei D. Carlos I.

Concessão de differentes mercês honorificas.

Decreto suspendendo a execução de parte do orçamento de 1889-90, da junta geral do districto do Porto.

Decreto mandando estabelecer um posto fiscal no sitio de Fervença, extremidade do primitivo tunnel da Serra do Pilar.

Decreto determinando a abertura de concurso annual para o provimento dos logares vagos nos quadros das repartições de fazenda districtaes.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado do Pará, referida ao mez de junho do corrente anno.

Diario de 10

Mappa dos saldos dos espolios em liquidação no consulado portuguez do Pará, referido ao dia 30 de junho do corrente anno.

Portaria approvando na generalidade o projecto da avenida de Braga ao Bom Jesus do Monte.

Diario de 11

Decreto determinando as manifestações de regosijo a fazer no dia 28 do corrente, por occasião do juramento e acclamação de sua magestade el-rei D. Carlos I.

Relação dos portuguezes fallecidos na area do consulado de Pernambuco, referida ao dia 31 de julho de 1889.

23

FOLHETIM

A. D'UMAS, FILHO

A DAMA DAS CAMELIAS

XI

O meu quarto parecia-me muito pequeno para encerrar a minha felicidade. Precisava da natureza inteira para me expandir. Saí.

Passei pela rua d'Antin.

O *coupé* de Margarida esperava-a á sua porta. Dirigi-me para o lado dos Campos-Elysios. Amava, sem mesmo as conhecer, todas as pessoas que encontrava. Como o verdadeiro amor purifica a alma! Ao cabo d'uma hora de passeio entre o circo de Marly e o lago dos cedros, o lago dos cedros e o circo de Marly, vi de longe a corroagem de Margarida; não a reconheci, adivinhei-a. No momento em que dobrava o angulo principal dos Campos-Elysios parou, e destacou-se d'um grupo de rapazes, que estavam conversando, um mancebo alto, elegante, que se dirigiu a Margarida para a cumprimentar. Fallaram alguns instantes; depois o mancebo voltou para junto dos seus amigos, os cavallos partiram a trote rasgado, e eu, que me tinha aproximado do grupo, reconheci no homem, que fallára com Margarida, esse conde de G... cujo retrato vira no seu gabinete de toucador, e que Prudencia me indicára, como sendo do primeiro amante d'ella, do seu primeiro seductor, que lhe abrira, na phrase pittoresca da modista, as portas do mundo. Era a elle provavelmente a quem Margarida prohibira a entrada, na vespera, em sua casa; e suppuz que de proposito mandára parar a carruagem, para lhe dar escusa d'essa prohibição, esperando que ao mesmo tempo inventasse um novo pretexto para o não receber na noite seguinte.

Como passei o resto do dia, ignoro-o; divaguei por toda a parte, conversei com todos, entrei em varios cafés, mas do que disse, e das pessoas que encontrei, ás dez horas da noite já não tinha a mais leve recordação. De tudo o que me lembro é de que entrei em minha casa, passei tres horas a preparar-me, e olhei cem vezes para o relogio, que infelizmente não obedecia á minha vontade. Quando imaginei que eram dez horas e meia, entendi que era tempo de partir.

Morava n'esse época na rua de *Provencé;* segui pela rua do *Dont-Blan*, atravessei o *boulevard*, tomei a rua de *Louisle-Grand*, a rua de *Port-Mahon*, e finalmente a rua d'Antin.

Olhei para as janellas de Margarida; havia luz na sala. Bati.

Perguntei ao porteiro, se *mademoiselle* Gautier estava em casa. Respondeu-me, que só recolhia das onze e meia para a meia noite.

Consultei o meu relogio.

Julgava que tinha vindo devagar, e apenas gastára dez minutos desde a rua de *Provencé* até casa de Margarida. Comecei a passear por essa rua d'Antin, que não tinha um só estabelecimento aberto, e que estava completamente deserta áquella hora. Ao fim de meia hora, pouco mais ou menos, Margaida chegou. Desceu do *coupé*, olhando em volta de si, como se procurasse alguem. No momento em que ella ia bater á porta, aproximei-me e disse-lhe:

— Boa noite.

— Ah! é o senhor? acudiu ella, n'um tom pouco definido sobre o prazer, que lhe dava a minha presença.

— Não me permittiu que viesse hoje fazer-lhe uma visita?

— E' verdade; tinha-me esquecido.

Esta palavra destruia todas as minhas alegria e todas as minhas esperanças. Todavia começava a habituar-me instinctivamente, fatalmente, ás suas velleidades e caprichos, e não me retirei, o que faria com toda a certeza em outro tempo, antes de a conhecer pessoalmente, como a conhecia agora.

Entrámos.

Nanine esperava á porta da sala.

— Prudencia já entrou? perguntou Margarida.

— Ainda não, minha senhora.

— Vae dizer que apenas chegue que venha logo cá, immediatamente. Apaga a luz da sala, e se vier alguem, responde que ainda não voltei, e que não volto esta noite, percebeste?

Via-se que estava muito preoccupada com alguma cousa, e talvez irritada com a presença d'um importuno. Não sabia que figura havia de fazer, nem tão pouco o que lhe devia dizer, n'aquella conjunctura delicada e difficil. Margarida dirigiu-se para o seu quarto de dormir. Eu fiquei onde estava.

— Venha, disse-me ella.

Tirou o chapeu, o manto de velludo, e atirou-os para cima do leito. Depois deixou-se cair n'um grande *fauteuil*, proximo do fogão, que ella mandava sempre accender até ao principio do estio, e disse-me brincando com o trancelim do relogio:

— Então, que ha de novo?

— Nada, a não ser que fiz mal em vir esta noite a casa de v. ex.ª

— Porquê?

— Porque me parece contrariada, e cuido que a incommoda a minha presença.

— Não, não me incommoda nada. E' que me sinto doente; soffri todo o dia; não pude dormir; tenho uma dôr de cabeça horrivel.

— Quer que me retire, para se deitar?

— Não é preciso. Póde ficar, se quizer. Eu deito-me mesmo diante, de si, quando tiver vontade de dormir.

N'este momento bateram á porta.

— Quem será ainda? disse ella, com um movimento de impaciencia.

Pouco depois bateram novamente.

— Não ha ninguem que vá abrir; é preciso que eu mesma vá abrir a porta!

Com effeito, levantou-se, dizendo-me:

— Espere aqui.

Atravessou a sala do toucador, a sala de jantar, a sala de visitas, e abriu a porta d'entrada. Escutei.

A pessoa a quem abria parou na sala de jantar. A's primeiras palavras reconheci a voz do conde de N...

— Como tem passado a noite? disse elle.

— Mal, respondeu seccamente Margarida.

— Incommodo-a?

— Talvez.

— Com que ar me recebe, meu Deus! Que mal lhe fiz eu, Margarida?

— Meu amigo, bem sei que não me fez mal nenhum; mas estou doente, quero deitar-me, e por isso ha de ter a bondade de se ir embora. Não ha nada que mais me zangue do que não poder entrar á noite em minha casa, sem que o senhor appareça logo, cinco minutos depois. Que é que me quer? Que seja sua amante? Pois bem; eu já lhe disse cem vezes, que não, que o não posso aturar, que me afflige horrivelmente, e portanto dirija-se a outra parte. Repito-lh'o hoje pela ultima vez. Não quero nada, nada de si; está acabado. Adeus. Olhe, ahi vem Nanine; ella vae já allumiar-lhe. Boa noite.

E sem accrescentar uma só palavra, sem ouvir o que balbuciava o mancebo, Margarida voltou para o seu quarto, fechando violentamente a porta, pela qual Nanine entrou d'ahi a poucos momentos.

— Tu ouves o que eu te digo? acudiu Margarida, transportada de colera; has de dizer sempre a esse imbecil, que não estou em casa, que não quero recebel-o. Já estou cançada de aturar essa gente que vem pedir-me sempre a mesma cousa, que me paga, e que se julga quite comigo. Se as mulheres que começam a nossa vida vergonhosa soubessem o que ella é, preferiam mil vezes a morte.

(Continua.)

CORREIO DE LISBOA

13 DE DEZEMBRO DE 1889.

O que ha de mais notavel na alta politica nacional é sem duvida o apreço que em todos os paizes da Europa tem recebido o documento official sahido da chancellaria portugueza e firmado pelo honrado ministro dos estrangeiros o sr. Barros Gomes.

De toda a parte nos chegam demonstrações d'alto apreço, e da mais completa justiça. Em hora feliz foi traçado esse documento, que prova á Europa e á propria Inglaterra, que ainda ha portuguezes que sabem manter os nossos direitos e zelar os nossos foros. As questões d'Africa apresentam-se pois para nós muito bem figuradas, podendo bem dizer-se—que o mundo civilisado reconheceu emfim a nossa razão e a nossa justiça, porque está toda do nosso lado.

— A familia real brazileira continua a ver Lisboa e a comprar os objectos que precisa, por isso que quasi nada poderam trazer. A sr.ª condessa d'Eu esteve hoje na acreditada livraria Ferin, onde fez vasta provisão de livros, principalmente de compendios de educação para seus filhos. Sua Magestade o imperador tambem mandou ir d'aquelle estabelecimento muitos livros para escolher.

Sua Magestade o sr. D. Pedro II presenteou o commandante do vapor *Alagoas* com um bonito relogio de ouro com uma dedicatoria; aos immediatos e primeiro machinista, a cada um offereceu uma abotoadura de ouro e brilhantes. O resto da tripulação foi gratificada com dinheiro.

Sua Magestade, acompanhado dos srs. condes d'Eu e do seu neto mais velho, passeou hoje pelo bairro d'Alfama, visitando o castello de S. Jorge, Campo de Santa Clara, etc. No castello, separou-se o imperador dos condes d'Eu e de seu neto, que se dirigiram para o hotel, e foi visitar o Museu de Archeologia do Carmo, onde se demorou algum tempo, seguindo depois para o Braganza.

— O vice-almirante da armada foi hontem aos paços de Belem e Ajuda offerecer ás rainhas, em nome da corporação, os albuns de pezames. Suas majestades receberam amavelmente o almirante e pediram-lhe para agradecer á corporação tão valiosa quanto distinta offerta. O album da rainha viuva tem uma pagina com aguarellas d'el-rei D. Carlos, representando o brigue «Pedro Nunes» e o couraçado «Vasco da Cama», primeiro e ultimo navio em que embarcou el-rei D. Luiz. El-rei escreveu estas palavras na primeira pagina:

«Senhora! Desejam os meus camaradas, officiaes da marinha de guera portugueza, que eu escreva algumas palavras em um album destinado a ser offerecido a Vossa Magestade, em testimunho do nosso sentido pesame. —El-rei D. Luiz, de saudosa memoria, antes de ser rei, foi marinheiro e depois de rei elevado ao duro mister do governar este paiz, mister torando bem menos penoso pela lealdade e affeição do seu povo, conservou sempre pela nossa corporação a mesma dedicação, a mesma amizade, que até então lhe tinha mostrado.

«Senhora! permitta V. M. aos briosos e leaes officiaes de marinha, á testa dos quaes hoje me acho, e me honro de estar, o deporem aos pés de V. M. este testemunho de verdadeira e profunda magoa, e permitta-nos ainda o partilharmos a vossa inconsolavel dôr, a dôr pungente da santa companheira do nosso sempre chorado chefe e rei. assignado, D. Carlos, Rei.»

— Esteve ligeiramente incommodada a ex.ma sr.ª D. Julia de Castro, filha do sr. presidente do conselho. Felizmente está quasi restabelecida, e isso é motivo de prazer para os respeitadores de tão virtuosa familia.

— Adoeceu hontem a ex.ma sr.ª D. Maria Emilia de Seabra e Castro, esposa dignissima do sr. presidente do conselho. Que a molestia não seja de gravidade, e que tão respeitavel sr.ª se restabeleça breve, é o que muito desejam todas as pessoas que teem a honra das suas relações.

— Continua felizmente melhorando o sr. conselheiro Pereira Carrilho. A parte da mão onde se formou o abcesso tem apresentado alguma difficuldade em cicatrisar, mas ainda assim apresenta-se successivamente com melhor aspecto.

— Como lhes disse na minha ultima carta, verificou-se a nomeação do sr. Manuel Antonio Novaes Vieira, coronel de cavallaria, para administrador da casa de Bragança. Foi mesmo El-Rei quem convidou o seu ajudante d'ordens para aquelle alto cargo. Parece que para administrador da casa real, em substituição do sr. Duarte Nazareth, que por doente resolve deixar o logar, o sr. Oliveira Martins, que terá por isso de deixar o logar que exerce na suprema direcção da Régie.

— A vaga de procurador geral da corôa será prehenchida pelo sr. Sequeira Pinto, o mais antigo dos ajudantes, par do reino e cavalheiro muito respeitavel. D'este modo vão haver duas vagas de ajudantes: uma d'ellas será prehenchida pelo sr. Carlos Lobo d'Avila, a outra não se sabe ainda quem a prehencherá.

— Chegou hontem a Lisboa a sr.ª condessa de Paris. Esta illustre dama vem assistir ao baptisado de seu augusto neto, que se verifica no dia 18.

— Alguns redactores de jornaes ou os seus *reporters* teem abusado um pouco do que ouviram a alguns membros da comitiva do imperador. Em virtude d'isso o sr. conde d'Aljezur dirigiu aos jornaes d'aqui a seguinte carta:

Sr. Redactor.—Tendo alguns jornaes tanto portuguezes como de outros paizes, publicado *interviewes* ou conferencias de diversos redactores e correspondentes com Suas Altezas a Princeza Imperial e o sr. conde d'Eu, peço a v. seja servido declarar que os illustres jornalistas, que Sua Magestade e Suas Altezas se dignaram de receber, não foram auctorisados a publicar quaesquer opiniões emittidas ácerca dos ultimos acontecimentos politicos d'aquelle paiz, a muitas das quaes não foi dada, de certo sem proposito, exacta interpretação.

Lisboa, 10 de dezembro de 1889.

Conde d'Aljesur, Camarista de serviço de S. M. o Imperador.

— Os dois officiaes de marinha brazileira, que acompanharam o imperador D. Pedro 2.º a Lisboa, declararam a dois dos nossos collegas que a colonia brazileira em nada tinha influido na questão da bandeira, que de resto está explicada e se póde considerar completamente sanada. O *Alagôas* já hontem saiu do Tejo com direcção aos portos do Brazil, levando a seu bordo os dois officiaes da armada brazileira, que tinham vindo acompanhar a familia imperial e mais setenta e tantos passageiros.

— O Supremo Tribunal de Justiça reunido hoje em sessão magna, resolveu nomear para arbitro na questão, da Companhia Vinicola do Norte, o sr. conselheiro José Ferraz Tavares de Pontes, meritissimo juiz do tribunal da relação de Lisboa.

— As joias da imperatriz do Brazil não foram roubadas. Sua magestade tinha-as trazido na sua bagagem.

— O imperador do Brazil não poude assistir hontem á sessão da Academia Real das Sciencias. Parece que, no proximo domingo, sua magestade irá visitar ás Caldas da Rainha, a fabrica de louça Bordallo Pinheiro.

— Os correspondentes dos jornaes de Paris, que estão ainda equi, queixam-se da demora que se tem dado com os telegrammas que expedem para França. Alguns despachos tem levado 24 horas a chegar ao seu destino.

— Sua Magestade a Rainha viuva declarou-se protectora do hospocio de viuvas militares, installado no extincto convento da Penha de França.

— Sobre a molestia que acometteu os vastos armazães do Louvre, as ultimas noticias telegraphicas de França dizem o seguinte:

Paris, 11.—O relatorio medico sobre a epidemia dos *Grandes armazens do Louvre*, do qual já hontem fizemos menção, foi hoje publicado pelos jornaes; consigna que o numero dos enfermos nos *Grandes Armazens do Louvre*, que em termo medio é de 120 por 3:000 empregados, augumentou desde 26 de novembro, chando a ser de 670; a epidemia porém é uma simples *grippe* benigna que não dura mais de quatro dias, e não occasiona complicação alguma Outras agglomerações de Paris soffrem de epidemia identica, que tambem não é de natureza tal que inspire a menor inquietação, nem necessita de medida preventina especial.

Paris, 12.—Epidemia *influencia* augmenta em Paris. Xavier de Carvalho foi atacado e acha-se gravemente doente.

— Parece que por occasião da acclamação d'El-Rei não haverá indultos, como se esperava.

— O sr. Souza Cortezão, juiz de direito n'essa comarca, tem auctorisação para gosar os 17 dias que lhe restavam da licença anterior.

— A folha official publica uma portaria, determinando que no corrente anno agricola, se repitam nas regiões agronomicas do continente os ensaios culturaes e comparativos das variedades de trigos prolificos estrangeiros e dos trigos nacionaes. Pelas estações chimico-agricolas das regiões agronomicas do continente serão distribuidas pequenas quantidades de trigos estrangeiros aos agricultores, que desejem fazer ensaios culturaes.

— A companhia vinicola escolheu para seu arbitro o juiz da Relação de Lisboa sr. Francisco Pinheiro da Fonseca Osorio e para seu advogado o sr. dr. Pinto Coelho.

— O sr. cardeal patriarcha mandou recommendar aos parochos de Lisboa que á missa conventual mostrassem quanto são desagraveis a Deus os suicidios, e que todos aquelles que se sentissem vacillar nos infortunios da vida procurassem lenitivo nas consolações da religião christã.

— Algus jornaes francezes chegados ante-hontem dizem, que a febre *dengue* ou *influencia*, que se manifestára nos armazens do Louvre, não tinha a gravidade que se lhe attribuia. Assim seria no dia 8. Parece, porém, que a epidemia vae lavrando e alastrando-se pela cidade.

— O *Diario* de hoje annuncia que foi acceita a proposta para a terceira empreitada geral de construcção de estradas do districto de Villa Real, feita pelo sr. Joaquim Pinheiro de Azevedo Leite.

— Já chegou a Lisboa o muito digno deputado por Cabo Verde, sr. João de Sousa Machado, o mais antigo parlamentar da nova camara, pois que representa o seu circulo ha mais de 20 annos.

— A companhia real dos caminhos de ferro portuguezes resolveu estabelecer nas suas linhas preços muitos reduzidos, que facilitarão ás pessoas da provincia a vinda á capital durante os festejos que se projectam. Os bilhetes serão de ida e volta e validos desde o dia 24 de dezembro até 7 de janeiro.

— A policia do porto capturou hontem, a bordo do vapor brazileiro *Alagoas*, Antonio Gomes da Costa, que se diz d'Aveiro e Thereza Maria, de Oliveira de Azemeis. Antonio Gomes apresentou um passaporte em seu nome e de sua mulher Emilia e seu filho Manuel. Quando foram interrogados, soube-se que a tal Thereza vinha figurando como mulher de Antonio Gomes, com o fim de obterem a passagem de graça para o Brazil, segundo a concessão que as agencias d'emigração fazem a qualquer individuo que leve a familia comsigo. Foram remettidos para juizo.

— As festas da acclamação promettem ser ruidosas e concorridas. Para a recita de gala em S. Carlos já não ha bilhetes á venda:—estão todos tomados.

— A'manhã, no hospital de S. José, faz-se autopsia ao cadaver do preto que havia muito alli estava com doença de somno, enfermidade frequente nos indigenas da Africa. O preto esteve muitos mezes em somno quasi consecutivo, sendo necessario acordal-o para se alimentar.

— O sr. conde de Paris é aqui esperado ámanhã, e a sr.ª condessa hoje. Veem assistir, como digo em outro logar, ao baptisado de seu neto.

— Parece que o sr. Luiz Guimarães, secretario da legislação brazileira, recebera hontem do governo provisorio um telegramma encarregando-o de procurar o imperador e perguntar-lhe se o senhor D. Pedro se decidira a acceitar ou não os cinco mil contos. O sr. Luiz Guimarães foi ao hotel Braganza e fallou com o imperador ás 8 da noite. Sua magestade mostrou-se admirado de que o governo provisorio não tivesse recebido o seu telegramma expedido de S. Vicente e declarou insistir na recusa. Commenta-se que o telegramma do governo provisorio não fosse dirigido ao sr. barão de Aguiar de Andrade, o que faz crêr que é effectivamente verdadeira a noticia da exoneração d'este diplomata.

— O sr. alferes Ernesto Augusto Pinheiro, de cavallaria 10, foi transferido para o 7 da mesma arma.

— Ameaça ruina imminente a ponte do caminho de ferro em Sacavem, celebre pela difficuldade da sua construcção. Os comboios atravessam-n'a com difficuldade.

— Ha este anno uma grande falta de perús. O frio tem destruido a creação. Como sabem esta ave é n'esta occasião aqui muitissimo procurada para as festas do Natal.

— O sr. ministro da marinha está doente.

V.

ANNUNCIOS E PUBLICAÇÕES LITTERARIAS

MAIS UM TRIUMPHO

ALCANÇADO PELAS POPULARES

MACHINAS DE COSER

DA

COMPANHIA FABRIL SINGER

NA EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE BARCELONA

O PRIMEIRO PREMIO

MEDALHA D'OURO

E esta a melhor resposta que podemos dar áquelles competidores que nos estão continuamente provocando a confrontos.

A COMPANHIA SINGER, a todas as exposições a que tem concorrido, tem sahido sempre victoriosa, em vista da solida construcção e perfeição de trabalho das suas machinas de costura.

A PRESTAÇÕES DE 500 REIS SEMANAES E A DINHEIRO COM GRANDE DESCONTO

PEÇAM-SE CATALOGOS ILLUSTRADOS

COMPANHIA FABRIL «SINGER»

75-Rua de José Estevão-79

AVEIRO

E EM TODAS AS CAPITAES DE DISTRICTO

BOOTH STEAM SHIP COMPANY

EM COMBINAÇÃO COM

RED CROSS LINE MAIL STEAMERS

AS MAIS ANTIGAS LINHAS DE PAQUETES A VAPOR PARA OS PORTOS DO NORTE E BRAZIL

Do PORTO para o PARÁ e CEARA

DIRECTAMENTE

recebendo tambem carga e passageiros para MANAOS

CARREIRA MENSAL DE PAQUETES A VAPOR

GRANDE RAPIDEZ E ECONOMIA

Para carga e passageiros para os quaes tem magnificas accommodações, ou quaesquer informações trata-se com

os Agentes

A. J. Shore & C.ª

57 — *Rua dos Inglezes* — PORTO.

Grande loteria do Natal

EM MADRID NO DIA 23 DE DEZEMBRO DE 1889

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

COM CASA DE CAMBIO EM

LISBOA—Rua do Arsenal, 56 a 64

PORTO — Feira de S. Bento, 33 a 35

Convida o publico da capital, provincias, ilhas e Africa a habilitar-se nos seus estabelecimentos e em casa dos seus correspondentes em todos os pontos do paiz, na

GRANDE LOTERIA DO NATAL

Os principaes premios são:

Primeiro	450:000$000
Segundo	360:000$000
Terceiro	180:000$000
Quarto	135:000$000
Quinto	90:000$000

Com mais os seguintes premios:

2 de 45 contos, 3 de 22 contos, 4 de 14 contos, 6 de 9 contos, 10 de 3 contos e quinhentos, 20 de 1 conto setecentos e cincoenta mil réis, 2100 de quatrocentos e vinte e cinco mil réis, 495 centenas de quatrocentos e vinte e cinco mil réis, 4999 reentregos de 85$000 réis e dez approximações 2 de 7:260$000, 2 de 4:620$000, 2 de 2:970$000, 2 de 1:980$000, 2 de 1:155$000 réis.

Total 7:654 premios!!!

PREÇOS

Bilhetes a	105$000 réis
Meios a	52$000 réis
Decimos a	10$500 réis

Fracções de 4$800, 3$000, 2$400, 1$200, 600, 480, 120 e 60 réis; dezenas de 60$000, 48$000, 24$000, 13$000, 6$000, 4$800, 2$400, 1$200 e 600 réis.

Collecções de 50 numeros seguidos de 60$000, 24$000, 12$000, 6$000, e 3$000 rs.

Centenas de 480$000, 240$000, 120$000, 60$000, 48$000, 24$000, 12$000 e 6$000 réis.

Tanto as centenas como as meias centenas pela combinação do plano podem ter grande quantidade de premios, por sorteio, por approximação e por centenas.

VALIOSOS BRINDES em todas as compras de cautelas ou dezenas de 600 réis em diante, quanto maior fôr a compra mais importante é o brinde—como se vê

BRINDE AOS FREGUEZES

cada cautela, dezena, meia centena ou centena tem um numero de ordem, começando no preço de 600 réis até 480$000 réis.

O sorteio do numero feliz é feito no dia 24, em logar publico com a assistencia da auctoridade. Serão immediatamente entregues os brindes em ouro:

PERTENCE

Cautela ou dezena de 600 rs..	100 libras
Cautela ou dezena de 1$200 rs.	200 libras
Cautela ou dezena de 2$400 rs.	300 libras
Cautela, dezena ou meia centena de 3$000 réis	350 libras
Cautela ou dezena de 4$800 rs.	400 libras
Dezena, meia centena ou centena de 6$000 réis	450 libras
Dezena, meia centena ou centena de 12$000 réis	500 libras
Dezena, meia centena ou centena de 30$000 réis	550 libras
Dezena, meia centena ou centena de 36$000 réis	600 libras
Meia centena ou centena de rs. 60$000	650 libras
Meia centena ou centena de rs. 120$000	700 libras
Meia centena ou centena de rs. 240$000	800 libras
Meia centena ou centena de rs. 480$000	1000 libras

O Cambista Antonio Ignacio da Fonseca satisfaz todos os pedidos na volta do correio, em cartas registadas sejam os pedidos grandes ou pequenos, em caso de extravio faz nova remessa.

Envia a todos os compradores a lista.

Acceita em pagamento sellos, vales, letras, ordens, notas, coupons ou qualquer valor de prompta liquidação.

Acceita novos agentes dando boas referencias.

Pede aos srs. directores do correio o não demorarem a expedição dos vales.

Está habilitado a bem servir o publico com um variadissimo sortimento e conta descontar os melhores premios aos seus antigos e modernos freguezes.

Os pedidos devem ser dirigidos ao cambista

ANTONIO IGNACIO DA FONSECA

Lisboa

Endereço telegraphico *Ignacio* — Numero telephonico—92.

VENDE-SE

A quinta de Val de Frobio, proximo ás fontes d'Esgueira, pertencente a D. Maria Adelaide Couceiro, e trata-se com esta em Aveiro, em casa de seu tio, Francisco Manuel Couceiro da Costa, e tambem com este.

EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA

NUMERO TELEPHONICO 168

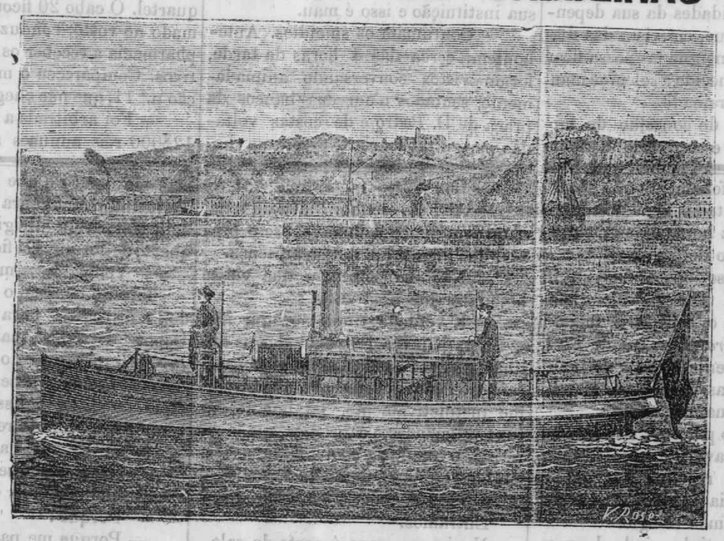
CONSTRUCÇÕES NAVAES COMPLETAS

CONSTRUCÇÃO E ASSENTAMENTO DE PONTES METALLICAS PARA ESTRADAS E CAMINHOS DE FERRO

CONSTRUÇÃO DE CANNOS, COLUMNAS E VIGAS, POR PREÇOS LIMITADISSIMOS

CONSTRUCÇÃO DE COFRES Á PROVA DE FOGO

CONSTRUCÇÃO DE CALDEIRAS



LANCHA de ferro a vapor, construida em 1883 nas officinas da Empreza Industrial Portugueza para serviço de reboques no Pará.

A EMPREZA INDUSTRIAL PORTUGUEZA, actual proprietaria da officina de construcções metalicas em Santo Amaro, encarrega-se da fabricação, fundição, construcção e collocação, tanto em Lisboa e seus arredores, como nas provincias, ultramar, ilhas ou no estrangeiro, de quaesquer obras de ferro ou madeira, para construcções civis, mechanicas ou maritimas.

Acceita portanto encommendas para o fornecimento de trabalhos em que predominem estes matoriaes, taes como, *telhados, vigamentos, cupulas, escadas, varandas, macnas a vapor e suas calderas, depositos para agua, bombas, veios, rodas para transmissão, barcos movidos a vapor completos, estufas de ferro e vidro, construcção de cofres á prova de fogo, etc.*

Para a fundição de columnas e vigas tem estabelecido preços dos mais resumidos, tendo sempre em depositos grandes quantidades de cannos de todas as dimensões.

Para facilicitar a entrega das pequenas encommendas de fundição tem a Empreza um deposito na rua de Vasco da Gama, 19 e 21, ao Aterro, onde se encontram amostras e pedrões de grandes ornatos, e em geral o necessario para as construcções civis, e onde se tomam quaesquer encommendas de fundição.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empreza Industrial Portugueza—Santo Amaro, LISBOA.

DIRECÇÃO DAS OBRAS PUBLICAS

DO

DISTRICTO DE AVEIRO

4.ª SECÇÃO

ESTRADA REAL N.º 13—VIZEU A AGUEDA

Lanço de Talhadas á Ereira

CONSTRUCÇÃO

FAZ-SE publico que no dia 24 de Dezembro corrente, pelas 11 horas da manhã, na Secretaria da Direcção em Aveiro, se ha de proceder á arrematação em carta fechada das seguintes obras d'arte, comprehendendo materiaes e mão d'obra.

Designação das obras	*Perfis*	*Typos*	*Extensão*
1 aqueducto (com 6 degraus)	146	0m,50X0m,50	14m,20
1 dito (com 9 ditos)	149	0m,50X0m,50	14,00
1 dito (com 1 dito)	153	0m,80X0m,60	14,60
1 dito	165	1m,00X1m,00	15,00
1 cano de rega	143	0m,30X0m,30	8,00
1 dito (com 4 degraus)	151	0m,30X0m,30	10,50
1 dito (com 4 ditos)	163	0m,30X0m,30	13,40
1 syphão	13	0m,20	9,00
1 dito	18	0m,20	9,00
1 dito	139	0m,20	9,00

Base de licitação ..... 201$250 reis
Deposito provisorio ..... 5$030 »

Para ser admittido a licitar, cada concorrente deverá apresentar documento comprovativo do deposito provisorio effectuado na pagadoria d'esta Direcção.

A carta fechada que cada concorrente apresentar, deverá conter:

1.º Declaração obrigando-se a fazer o deposito definitivo que é de 5 p. c. sobre o valor da adjudicação.

2.º Proposta do preço fechado em subscripto separado, formulada segundo o modelo exarado nas condições da arrematação.

O empreiteiro a quem for adjudicada esta empreitada tem direito a empregar 150 metros cubicos da pedra d'alvenaria, que se acha arrematada para o lanço.

As mais condições especiaes d'esta arrematação, estarão patentes n'aquelle acto, e poderão desde já ser examinadas na Secretaria da Direcção em Aveiro todos os dias não feriados das 9 horas da manhã ás 3 da tarde.

Aveiro 10 de Dezembro de 1889.

O chefe interino da 4.ª secção

Manuel Tavares d'Almeida Maia.

GOTTA E RHEUMATISMOS

CURA certa pelo LICOR e pelas PILULAS do Dr Laville

Estes Medicamentos são os unicos Antigottosos *analysados e approvados* pelo Chefe das Manipulações chimicas da Academia de Medicina de Paris, o Dr OSSIAN HENRY.

O LICOR *toma-se para curar os accessos.* — As PILULAS *tomão-se durante o estado chronico para impedir novos ataques e obter a cura radical.*

Para premunir-se contra as falsificações, deve-se exigir o SELLO do GOVERNO FRANCEZ e a assignatura

Vende por atacado em PARIS: COMAR, Pharmaceutico, rue St-Claude, 25

DEPOSITOS EM TODAS AS PRINCIPAES PHARMACIAS

Laville Docteur de la Faculté de Paris.

EXCELLENTE EGUA

VENDE-SE uma excellente egua de 7 annos d'edade, castanha escura, de mais de marca, beneficiada do melhor cavallo inglez que esteve na caudelaria d'esta cidade, e já em adiantado estado de gravidez. E' muito sã, trabalha em trem só e acompanhada. Quem a pretender póde fallar no escriptorio d'esta redacção que aqui se lhe dirá onde póde ser vista e tratada.

VINHOS VELHOS

Ha 25 pipas dos melhores vinhos de M. F. Simões, da Palhaça.

CIGARROS INDIANOS

preparados com o CANNABIS INDICA

por GRIMAULT e Cª, Phien de Paris

Approvados pela Junta de Hygiene do Rio-de-Janeiro.

Constituem a preparação a mais efficaz que se conhece para combater a asthma, a oppressão, as suffocações, a tosse nervosa, os catarrhos e a insomnia.

Deposito em PARIS, 8, rua Vivienne.

MACHO DE TIRO E SELLA

VENDE-SE um excellente macho de tiro e sella, que trabalha em todos os logares, muito manso e de grande força. Quem o pretender pode fallar no escriptorio d'esta redacção que aqui se lhe dirá onde pode ser visto e tratado.

DOENÇAS DO ESTOMAGO

PASTILHAS e PÓS

PATERSON

(Bismuth e Magnesia)

Recommendadas contra as Doenças do Estomago, Acidez, Arrotos, Vomitos, Colicas, Falta de Apetite e Digestões difficeis; regularisam as Funcções do Estomago e dos Intestinos.

PASTILHAS: 600 Reis, — PÓS: 1,200 Reis.

Exigir em o rotulo o sello official do Governo francez e a firma J. FAYARD.

Adh. DETHAN, Pharmaceutico em PARIS

TYPOGRAPHIA AVEIRENSE

Largo da Vera-Cruz

AVEIRO